

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
LINHA DE PESQUISA: FAMÍLIA, GÊNERO E INTERAÇÃO SOCIAL

**A CONSOLIDAÇÃO DA AUTONOMIA E DA IDENTIDADE DO
JOVEM ADULTO PELO VIÉS DA PROFISSIONALIZAÇÃO E O
LUGAR DA FAMÍLIA**

Mestranda: Denise Boff

Recife, dezembro de 2017.

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
LINHA DE PESQUISA: FAMÍLIA, GÊNERO E INTERAÇÃO SOCIAL

**A CONSOLIDAÇÃO DA AUTONOMIA E DA IDENTIDADE DO
JOVEM ADULTO PELO VIÉS DA PROFISSIONALIZAÇÃO E O
LUGAR DA FAMÍLIA**

Dissertação apresentada ao programa de Mestrado em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco, como parte da obtenção do título de mestre na Linha de Pesquisa Família, Gênero e Interação Social.

Mestranda: Denise Boff
Orientadora: Prof^ª. Dr^ª Albenise de Oliveira Lima

Recife, dezembro de 2017.

*Dedico este trabalho aos Jovens Brasileiros,
Desejosa de que sigam fortes, ousados, criativos, alegres e destemidos!
Quem ontem foi considerado o futuro do Brasil, hoje é o nosso presente!*

*“Os jovens não só devem ser amados, mas devem saber que são amados. A primeira
felicidade de um menino é saber-se amado”.*
Santo João Bosco

*... Aforismos são como relâmpagos – instantâneos,
Acontecem em segundos, mas iluminam os céus.
Um curtíssimo aforismo lança luz sobre uma verdade imensa.
Nada explica.
Nada prova.
Apenas mostra.
O seu simples enunciado é o bastante para convencer.
Diante de um aforismo a mente pára,
E de repente, brotando da sua simplicidade, o sentido se revela...
Rubem Alves*

AGRADECIMENTOS

A Deus! Se não fosse Ele, eu não estaria neste plano, e tampouco realizaria obras e sonhos...

A família na qual nasci e a qual formei, que sempre incentivam e acreditam que toda forma de crescimento interno é válida e necessária... Gratidão e amor aos meus pais Avelino e Leonora; aos meus irmãos Darlei e Rodolfo; à minha cunhada Cláudia e ao meu sobrinho Matheus; às minhas madrinhas Maria e Filomena e padrinho Leonísio; a meus sogros Olynto (in memoriam) e Nelcinda; a meu marido Douglas e à minha filha Maria Eduarda. Sem vocês eu não teria concluído esse projeto!

Aos amigos e amigas que de perto e de longe, de muito tempo e os de hoje, estão sempre presentes na minha vida com acréscimo constante de energia e motivação! Obrigada Mauricio e Celice, Marcel, Estela; Deyvson e Daniela, Ítalo, Thainá; Inês e Gisele; D. Vera e Sr. Nivaldo; Sônia, Vitória e William; Edson, Negiane ; Michellyne; Rosângela; Leonides; Thelma; Valéria; Patrícia; Daniela; Sophia; Eurídice; Cristiane; Paulete e Heitor; Carlos e Lurdes; Ricardo e Malu; Roberta...

Aos professores e professoras da UNICAP, especialmente os que compuseram a banca avaliadora do meu trabalho: Prof^o. Dr. Marcus Túlio e Prof^a. Dra. Marisa Amorim, bem como os demais componentes do núcleo do Mestrado em Psicologia Clínica, que, para além das trocas conceituais e teóricas, alargaram o coração e compartilharam a vida conosco, meu muito obrigada!

Gratidão especial à minha orientadora Albenise Oliveira, que, ao longo desses dois anos, com paciência e extrema generosidade me acolheu, motivou, acreditou em mim e me despertou para a busca contínua por aprimoramento e aprendizado! Eterna gratidão e amizade descortinados no caminho da educação!

Destaque também ao querido professor Fernando Castim, mestre da língua portuguesa, pelo apoio e incentivo dispensados; além de sua tranquilidade para nos fazer acreditar que escrever pode ser um ato de arte e leveza! Suas aulas contribuíram muito nesta tarefa, além de me deixarem feliz com o aprendizado! Gratidão também pela correção da dissertação!

Admiração e gratidão à Prof^a. Dr^a. Luciana Dutra-Thomé, que gentilmente acolheu o convite para contribuir com meu trabalho fazendo parte da banca examinadora!

Às colegas de caminhada Glaudia, Helga, Mary, Thais e Ubiracelma, cuja partilha não foi apenas de conhecimento, artigos, textos, livros e ideias, mas, sobretudo, de alegria, companheirismo, conversas e amizade que perpassarão esta fase!

Aos participantes da pesquisa, jovens alegres e esperançosos, que movidos generosamente pela sede de conhecer-se melhor, compartilharam comigo suas vidas e sonhos.

E meus felinos, que por sua presença nas longas horas de trabalho solitário de escrita diante do computador, foram não apenas companhia, mas inspiração, distração necessária e força silenciosa!

RESUMO

A presente dissertação versa sobre a transição da fase juvenil à vida adulta, momento precioso do ciclo de desenvolvimento humano, cujas características e marcadores transicionais alternam-se de acordo com as possibilidades sociais, históricas e emocionais vivenciadas por cada indivíduo, construindo, assim, a afirmação necessária para atuarem num novo lugar. Nessa perspectiva objetivou-se compreender o processo de desenvolvimento da autonomia e da identidade adulta, pelo viés da profissionalização e do mundo do trabalho, em jovens adultos, e como percebem a intervenção familiar nesta fase de vida. Buscou-se caracterizar neles, a fase estimada do seu desenvolvimento; os marcos emancipatórios presentes; identificar como a família conduz a vivência desta fase de vida, sob o ponto de vista destes filhos e identificar se há, e quais são os legados familiares na escolha e condução de suas opções profissionais. A pesquisa foi de natureza qualitativa e a técnica de seleção dos 06 participantes foi a 'bola de neve'. Os critérios de inclusão que se consideraram pertinentes foi a faixa etária, na qual os participantes deveriam ter entre 19 e 24 anos, com o ensino médio já concluído e estarem realizando um curso de cunho técnico profissional, de capacitação ou superior, na região metropolitana do Recife, além de estarem residindo no lar familiar, sem ainda terem habitado em outro local. Os instrumentos escolhidos para a coleta de dados constaram de um questionário sociodemográfico, a fim de caracterizar os participantes e uma entrevista semiestruturada contendo roteiro acerca do tema e objetivos do estudo. Os resultados obtidos demonstram que fora possível contribuir cientificamente para a compreensão da fase juvenil e identificação de suas características singulares, além de subsidiar os participantes da pesquisa a perceberem o momento privilegiado de seu desenvolvimento. Nos campos social e político, evidenciou-se que a condição de empregabilidade deve ser oportunizada, pois ela pode contribuir para o processo de consolidação da adultez. Apreendeu-se que esta é uma fase que exige do jovem adulto ter desenvolvido características singulares no campo da autonomia, as quais podem sinalizar o nível de sua maturidade e apropriação pessoal, como: segurança na tomada de decisões que envolvam seus desejos e planos, capacidade de fazer escolhas e decidir-se para aquilo que sente-se motivado e impulsionado, e coragem para decidir sobre si mesmo, apesar da autoridade parental poder indicar outros planos sobre sua vida. Nesse sentido, observou-se como se conciliam e desenvolvem esses aspectos no cotidiano juvenil para que assumam a condição de adultez, entendendo que a perspectiva da escolarização e condução familiar podem oferecer uma possibilidade concreta de mudança identitária, a qual se traduzirá num jovem autônomo e construtor de sua história, numa fase de ainda frágeis certezas internas, na qual a família continua a ser o lugar privilegiado de fortalecimento e incentivo na efetiva transição para a vida adulta.

Palavras-chave: Jovem adulto. Autonomia pessoal. Individualidade. Trabalho.

ABSTRACT

This dissertation deals with the transition from the juvenile phase to adult life, a precious moment in the human development cycle, whose characteristics and transitional markers alternate according to the social, historical and emotional possibilities experienced by each individual, thus building a self affirmation necessary to act in a new place. The aim of this study was to understand the process of development of adult autonomy and identity, by the professionalization tendency and the world of work, in young adults, and how they perceive family intervention in this stage of life. It was tried to characterize in them, the estimated phase of their development; the emancipatory milestones present; observe how the family conducts the experience of this stage of life, from the point of view of these children and identify if there are, and what are the family legacies in the choice and direction of their professional options. The research was of qualitative nature and the technique of selection of the 6 participants was the 'snowball'. The inclusion criteria that were considered relevant were the age group, in which the participants should be between 19 and 24 years of age, with their high school, already completed and are carrying out a vocational, training or higher technical course in the metropolitan region of Recife, besides residing in the family home, without having lived in another place. The instruments selected for data collection consisted of a sociodemographic questionnaire in order to characterize the participants and a semi-structured interview containing a script about the theme and objectives of the research. The results show that it was possible to contribute scientifically to the understanding of the juvenile phase and to identify its unique characteristics, besides subsidizing the research participants to perceive the privileged moment of their development. In the social and political fields, it has been shown that the employability condition must be opportunistic, since it can contribute to the process of consolidating adulthood. It was felt that this is a phase that requires the young adult to have developed singular characteristics in the field of autonomy, which can signal the level of their maturity and personal appropriation, such as: security in making decisions that involve their desires and plans, capacity to make choices, and to decide for what is motivated and driven, and the courage to decide on self, even though parental authority may indicate other plans about his or her life. In this sense, it was observed how these aspects are reconciled and developed in the juvenile daily life so that they assume the condition of adulthood, understanding that the perspective of schooling and family conduction can offer a concrete possibility of identity change, which will translate into an autonomous and builder of its history, in a phase of still fragile internal certainties, in which the family continues to be the privileged place of strengthening and incentive in the effective transition to adult life.

Key words: Young adult. Personal autonomy. Individualization. Work.

RESUMEN

La presente disertación versa sobre la transición de la fase juvenil a la vida adulta, momento importante del ciclo de desarrollo humano, cuyas características y marcadores transicionales se alternan de acuerdo con las posibilidades sociales, históricas y emocionales vividas por cada individuo, construyendo, así, la afirmación necesaria para actuar en un nuevo lugar. En esa perspectiva se objetivó comprender el proceso de desarrollo de la autonomía y de la identidad adulta, por el camino de la profesionalización y del mundo del trabajo, en jóvenes adultos, y cómo perciben la intervención familiar en esta fase de vida. Se buscó caracterizar en ellos, la fase estimada de su desarrollo; los marcos emancipatorios presentes; identificar cómo la familia conduce la vivencia de esta fase de vida, desde el punto de vista de estos hijos e identificar si existe, y cuáles son los legados familiares en la elección y conducción de sus opciones profesionales. La investigación fue de naturaleza cualitativa y la técnica de selección de los 06 participantes fue la 'bola de nieve'. Los criterios de inclusión que se consideraron pertinentes fueron la franja etaria, en la cual los participantes deberían tener entre 19 y 24 años, con la secundaria ya concluida, estar realizando un curso de cuño técnico profesional de capacitación o superior y que residan en la región metropolitana de Recife, además de estar residiendo en el hogar familiar, sin haber vivido en otro lugar. Los instrumentos elegidos para la recolección de datos constaron de un cuestionario sociodemográfico, con el fin de caracterizar a los participantes y de una entrevista semiestructurada conteniendo guion sobre el tema y los objetivos de la investigación. Los resultados obtenidos demuestran que fuera posible contribuir científicamente a la comprensión de la fase juvenil e identificación de sus características singulares, además de subsidiar a los participantes de la investigación a percibir el momento privilegiado de su desarrollo. En los campos social y político, se evidenció que la condición de empleabilidad debe ser oportuna, pues ella puede contribuir al proceso de consolidación de la adultez. Se apreció que esta es una fase que exige del joven adulto haber desarrollado características singulares en el campo de la autonomía, las cuales pueden señalar el nivel de su madurez y apropiación personal, como: seguridad en la toma de decisiones que involucran sus deseos y planes, capacidad de tomar decisiones y decidir sobre lo que se siente motivado e impulsado y coraje para decidir sobre sí mismo, a pesar de que la autoridad parental indica otros planes sobre su vida. En ese sentido, se observó cómo se concilian y desarrollan esos aspectos en el cotidiano juvenil para que asuman la condición de adultez, entendiendo que la perspectiva de la escolarización y conducción familiar pueden ofrecer una posibilidad concreta de cambio de identidad, la cual se traducirá en un joven autónomo y, constructor de su historia, en una fase de todavía frágiles certezas internas, en la que la familia sigue siendo el lugar privilegiado de fortalecimiento e incentivo en la efectiva transición hacia la vida adulta.

Palabras clave: Joven adulto. Autonomía personal. Individualidad. Trabajo.

SUMÁRIO

RESUMO	7
ABSTRACT	8
RESUMEN	9
INTRODUÇÃO: CAPTURADA COM A JUVENTUDE COMO TEMA, DESAFIO E MISSÃO	11
I A FAMÍLIA E SEUS CICLOS	15
1.1 O ciclo do Jovem Adulto	17
1.2 Os caminhos possíveis para o ingresso à vida adulta	21
II ESCOLARIZAÇÃO E PROFISSIONALIZAÇÃO: CAMINHOS, ESCOLHAS E CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS POSSÍVEIS	26
2.1 O mundo do trabalho nos contextos: brasileiro e da Região Metropolitana do Recife (RMR).....	30
III AS PERGUNTAS DO CAMINHO.....	34
3.1 Objetivos.....	34
3.2 Método.....	35
3.2.1 Lócus da Pesquisa.....	35
3.2.2 Participantes	35
3.2.3 Instrumentos	36
3.2.4 Procedimentos da Coleta de Dados	37
3.2.5 Procedimentos Éticos	37
3.2.6 Procedimentos de Análise	38
IV O QUE DIZEM OS JOVENS ADULTOS: ANÁLISE DOS DADOS	40
4.1 Categorizando a Coleta dos Dados Sociodemográficos	41
4.2 Analisando os dados Sociodemográficos	42
4.3 Síntese das Entrevistas.....	43
4.4 Entrelaçando os Dados e Tecendo a Rede.....	53
4.5 Analisando as Unidades de Sentido das Entrevistas	55
4.5.1 Ser Jovem Adulto	55
4.5.2 Independência e Autonomia	59
4.5.4 Estudo e Trabalho.....	60
4.5.5 Amizades	61
4.5.6 Sexualidade.....	62
4.5.7 Futuro	63
4.5.8 Relação Familiar.....	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
REFERÊNCIAS	73
APÊNDICE A: Questionário Sociodemográfico.....	77
APÊNDICE B: Roteiro da Entrevista Semiestruturada.....	78
APÊNDICE C: Termo de Consentimento Livre e esclarecido	79
ANEXO: Parecer Consubstanciado do CEP	81

INTRODUÇÃO: CAPTURADA COM A JUVENTUDE COMO TEMA, DESAFIO E MISSÃO

Olhando para a fase juvenil, situamo-la como o ciclo de desenvolvimento humano que conduz à fase adulta, cujo período é o mais longo da vida, apresentando-se com características e marcadores que se alteram com o passar do tempo e constroem a afirmação necessária para os indivíduos atuarem sempre num novo lugar.

Nesta perspectiva, esse trabalho visa a apresentar a fase de desenvolvimento do jovem adulto para compreender quais caminhos percorrem para adquirirem autonomia e consolidarem sua identidade adulta, pelo viés da profissionalização e do mundo do trabalho, tendo a família como importante pano de fundo nesta construção.

O tema surgiu da prática profissional com esses jovens em cursos de profissionalização técnica e acompanhando-os na realização de estágios práticos em empresas diversas. Nessas empreitadas foi possível verificar como este momento do desenvolvimento é de fundamental importância no ciclo vital pessoal e familiar, já que as mudanças, presentes durante toda a vida, nesta fase, adquirem um contorno novo: de um lado, há uma família, de outro um filho jovem adulto. Ambos olhando para uma fase nova que se vislumbra, em que atitudes e comportamentos indicarão definitivamente novos lugares a serem ocupados no contexto familiar.

Ao olhar para a família como um sistema fundado por indivíduos singulares, com perspectivas de construção e crescimento pessoal e coletivo, evidencia-se a articulação dos pais com cada fase da vida dos filhos, sendo eles o reflexo do funcionamento experienciado no espaço familiar e descortinado no espaço profissional.

Nesse sentido, parte-se do pressuposto de que a instituição familiar se estrutura de modos diversos, podendo organizar-se com um funcionamento mais ou menos harmonioso e seguro. As funções conjugal, parental e fraternas são a base para vivências futuras, as quais se estabelecerão, ou não, dentro de uma previsibilidade e segurança de tomadas de decisões dos membros do núcleo familiar. Núcleo este onde estão imersos os filhos jovens adultos, buscando adquirirem autonomia, independência e clareza quanto aos sonhos e desejos a serem

conquistados, dependentes ainda do suporte familiar para avançarem na direção das novas conquistas desenvolvimentais.

A nova fase da vida do jovem adulto figura na contemporaneidade, dentro de um cenário com várias trajetórias possíveis para acessar a vida adulta. Analisamos este contexto pelo viés da escolarização e profissionalização, que levam, conseqüentemente, à independência econômica, na qual se verifica que está economicamente encaminhado, isto é, mantendo-se financeiramente, dá indicativo, aos pais, à sociedade e a ele mesmo, de que fora possível fazer o ingresso à vida adulta.

Procuramos também o valor atribuído ao trabalho pela família (entendido – o trabalho – como fonte de realização pessoal e manutenção econômica), e qual transmissão desses valores ela pôde inscrever nos filhos ao longo do processo de crescimento e desenvolvimento, já que é nas vivências observadas no espaço familiar que surgem os sentidos e significados do que é o trabalho, e dos desafios e angústias geradas por ele. É nesse contexto que o jovem adulto é testado e terá de aplicar os conhecimentos cognitivos e emocionais, bem como as habilidades aprendidas e apreendidas nas fases que as antecedem.

Se os momentos anteriores foram de plantio e construção das bases para a fase adulta, em que a família investiu ou não, emocionalmente, afetivamente e economicamente nos filhos, observa-se que há, nessa fase inicial da vida adulta, uma expectativa de colheita, colocando o jovem adulto numa posição de dar respostas e provar a capacidade de superar desafios e vencê-los, a fim de tornar-se autor e protagonista de sua história. Assim, este momento passa a ser gerador de autocobrança e angústia, independentemente de como a família conduziu esse filho durante o processo de crescimento.

Para entender, então, essa aquisição da autonomia e consolidação da identidade, tomou-se o conceito utilizado por Botelho, Araújo e Codes (2016), que destacam ser a autonomia, a capacidade que o jovem adquire de pensar por si próprio seu querer, tendo o direito de reger-se segundo esse querer, o qual envolve uma livre tomada de decisões e independência moral e intelectual. Ideia essa, manifesta no Estatuto da Juventude (Lei Nº 12.852/13) na seção I, que destaca, já no seu 1º princípio, a necessidade de “promoção da autonomia e emancipação dos jovens”.

Assim, no viés da profissionalização e ingresso no mundo do trabalho, agregamos a ideia e a compreensão do sentimento da autonomia, por concordarmos com o que diz Camarano (2006, p.36) que “o processo de transição para a vida adulta é complexo e

heterogêneo, refletindo as diversidades da sociedade. No entanto, independência econômica parece ser um pré-requisito importante para a transição”. E segue afirmando, com base em pesquisas realizadas, que foi possível verificar que a inserção e participação no mercado de trabalho, juntamente com outras vivências como a constituição de domicílio, por exemplo, marcam o acesso à vida adulta, atitude que tem como base a capacidade de decisão autônoma.

Para que isso ocorra, contudo, é necessário refletir que o comportamento apresentado pelos jovens se articula com a forma como todo núcleo familiar interage diante das experiências cotidianas da vida, entendendo que a família não se resume a um aglomerado de individualidades, mas sim, é um sistema, que, ultrapassando as individualidades, conecta cada membro com características próprias suas e do meio. Meio este permeado pela cultura, história, valores sociais, morais e éticos arraigados e modificados na experiência coletiva intra e trans familiar. Atitudes essas que são incorporadas pelos filhos ao longo das vivências do ciclo vital da família e que se farão sentir nas transições que eles terão de produzir para crescerem e acenderem a um novo papel familiar.

A fim, então, de articular e discorrer sobre esses recortes teóricos, organizou-se a dissertação em quatro capítulos, em que se trabalhará: 1º: A família e seus ciclos; 2º: A escolarização e profissionalização: caminhos, escolhas e construções identitárias possíveis; 3º: As perguntas do caminho (Objetivos e Método) e 4º: O que dizem os Jovens Adultos: análise dos dados.

No primeiro capítulo, considera-se importante discorrer brevemente acerca dos sentidos, sentimentos e desenvolvimento da família, contemplando os ciclos que a conduzem, e as transformações operadas nos seus membros a partir da passagem no tempo. Neste contexto familiar, situaremos a fase do Jovem Adulto com suas especificidades, anseios e desdobramentos no ciclo vital familiar e pessoal.

No segundo capítulo, será tomada a escolarização e a profissionalização como um dos meios preparatórios de acesso à vida adulta, entendidas como a ponte necessária para acessar o mercado de trabalho e, por meio dele, atingir a independência econômica. Essa última, vista como potencial passaporte para a consolidação da adultez.

No terceiro capítulo, apresentaremos a escolha do método utilizado na pesquisa, cuja demarcação a situa no campo da pesquisa qualitativa, na qual se buscou investigar um grupo delimitado e focalizado de indivíduos e suas histórias, elaborando, a partir deles, o estudo e a elaboração de novas hipóteses, indicadores e variáveis desse público e sua fase de vida

(MINAYO, 2014). Utilizou-se como instrumento um questionário para colher os dados sociodemográficos e uma entrevista semiestruturada, contendo no roteiro os temas pontuais do universo de jovens em fase de adultez.

No quarto e último capítulo, apresentaremos a análise dos dados procurando dar voz ao que dizem os jovens, na tentativa de apresentar um recorte que represente seus sentimentos e suas percepções, bem como seus anseios, desejos e sonhos.

Que, ao acessarmos o universo juvenil, possamos trazer efetivas contribuições no campo da pesquisa quanto à especificidade desse momento de vida e, juntamente com famílias, instituições de ensino e poder público, criemos visibilidade e oportunidade, para que quem ontem foi visto como o futuro do Brasil, hoje tenha a chance de ser seu presente.

I A FAMÍLIA E SEUS CICLOS

*São precisamente as perguntas para as quais não existem respostas
Que marcam os limites das possibilidades humanas
E traçam as fronteiras da nossa existência.
Milan Kundera*

Quando nasce uma família? Entre as possibilidades de respostas, escolhemos a que nos possibilita acreditar que ela surja do encontro de pessoas que desejam construir laços de pertencimento. Tais laços, advindos de encontros afetivos, consanguíneos, políticos, sociais, de amizades ou afinidades, entre outros. São os vínculos que tecem a rede e sustentam a construção familiar iniciada.

Para Wagner et al (2011, p.20), “pode-se dizer que a coexistência de configurações e estruturas familiares diversas tem ampliado não só o conceito de família, mas também suas implicações na sociedade, gerando a necessidade de aceitar e conviver com o diferente”. Entendendo que sejam quais forem as diferenças nas configurações familiares, estas não lhe tiram o status de ser a principal célula social, com funções e papéis bem definidos.

Bello (2007, p.100) corrobora essa ideia ao dizer que “a família, no sentido próprio, é compreendida como a primeira célula da associação humana, porque nela são gerados os componentes de cada outra associação, e essa qualidade física é indubitavelmente predominante”. Isso nos indica e sinaliza para a importância do papel do núcleo familiar que não apenas cria as novas células da sociedade: os filhos, mas seu movimento interno é determinante nas escolhas e iniciativas desses filhos.

Desse modo, a família, na vivência de seus ciclos geracionais, vai incluindo nas gerações mais novas, padrões de funcionamento e transmissão, como: atitudes, expectativas, tabus, rótulos, questões opressivas ou libertárias, entre outros, sendo difícil prever para cada membro do núcleo familiar, o impacto modelador das transmissões que uma geração tem sobre a outra (CARTER, MCGOLDRICK e cols., 1995).

E são precisamente essas transmissões intergeracionais que vão sendo acolhidas e

reeditas pelos membros da família, gerando as sucessivas mudanças no ciclo de vida familiar através dos tempos, salientando a importância que tem a família na construção contínua da sociedade através de seus membros. Importância essa que a família sempre teve na vida dos filhos, mas, na contemporaneidade, ela assume características diferentes das encontradas em outros modelos de sociedade. Se outrora as relações baseavam-se na rigidez hierárquica do patriarcado, com mulheres e filhos subservientes ao pai, sem grandes trocas afetivas e sem o instrumento do diálogo para a resolução conjunta de problemas e tomadas de decisões, ancorados num sistema predominantemente privado nas relações familiares; temos na contemporaneidade um movimento absolutamente contrário.

Hoje, a experiência da vivência do que é público e privado articula-se profundamente na vivência cotidiana das relações familiares, deixando tênue a linha divisória que separa aquilo que dá sentido singularmente para cada indivíduo na família, para aquilo que mistura e conflitua vindo de fora, de outros campos que não o interno familiar, alterando as tomadas de decisão para a efetivação de ações concretas e decisórias de pais e filhos. Como destaca Sanchez (2012), é nessa integração da família com a rede social significativa que as experiências se organizam e ganham significado regulando e sendo reguladas por diversos canais de comunicação.

Assim, o sentido e a compreensão das experiências vividas pelos filhos na transição da passagem da adolescência para a fase de jovens adultos se processam de modo diferente do que acontecia no passado. Não é possível hoje em dia definir os marcadores desse momento de passagem dos jovens adultos observando apenas indicadores sociais, utilizados em outros tempos, cujas características dessa fase ficavam demarcadas pela saída dos filhos da casa paterna, pela capacidade de automanter-se economicamente, pela formação de uma nova família e por tornarem-se pais (FÉRES-CARNEIRO, 2015).

Esses marcadores ainda hoje indicam amadurecimento e crescimento pessoal, mas faz-se necessário acrescentar que os tempos para essas vivências mudaram e outras exigências se acrescentaram, bem como vão interagindo com outros aspectos psicológicos presentes e atuantes na atualidade, que figuram e interferem no campo da construção da autonomia e independência.

1.1 O ciclo do Jovem Adulto

A tarefa de assumir a condição de tornar-se adulto não ocorre de modo linear, isto é, com fatores biológicos, temporais e psicológicos determinando uma nova condição, mas se dá transpassada por fatores que, muito além de um sinalizador orgânico e maturacional, precisa estar ancorado em pressupostos dos campos social e psicológico.

O campo social, com suas intermináveis exigências por garantias, como: estar assegurado no campo profissional de modo que este lhe assegure, não apenas a manutenção das necessidades básicas – que já não seria pouco – mas as necessidades de conforto, bem-estar e status, as quais vão tornando inevitável o prolongamento do tempo para atingir a condição de acesso no mundo adulto. Pode ou não, ser esse, o preço a ser pago para se responder a um social ancorado no capitalismo, que tem implicação no campo subjetivo, modificando a autoimagem e a visão de mundo, retardando assim, o processo de apropriação da identidade adulta.

E, nesse entrelaçamento, a ação do campo psicológico age na contramão do que pede as exigências sociais, já que busca encontrar respostas que possam assegurar garantias de felicidade interna, de realização de desejos e edificação de projetos, que podem responder ou não, ao social, à família e ao mercado profissional. Responder a isso exige, do jovem adulto, ter desenvolvido características que, inclusive, podem sinalizar o nível de sua maturidade e apropriação pessoal ou ainda dependência emocional da família, como: a capacidade e segurança na tomada de decisões que envolvam seus desejos e planos, capacidade de fazer escolhas e decidir-se para aquilo que se sente motivado e impulsionado e coragem para decidir sobre si, apesar da autoridade parental indicar outros planos sobre sua vida.

Consequência desse momento se observa na contemporaneidade e é corroborado por estudos que apontam para um prolongamento da vida familiar dos filhos jovens adultos nos seus lares, mudando os ritmos, os tempos e as perspectivas desenvolvimentais do ciclo de vida familiar e pessoal do jovem adulto que se encontra entre duas fases: saindo da adolescência e ingressando na vida adulta, sendo necessário, como destacam Ponciano e Féres-Carneiro (2014, p.388-389), “ser acrescentada, ao ciclo vital, a transição para a vida adulta (nomeação sociológica) ou adulez emergente (nomeação psicológica), que constitui uma fase distinta, alterando a passagem direta da adolescência ao mundo adulto”. Alteração esta que, ultrapassando os limites territoriais domésticos, chegou ao campo das políticas

sociais, fazendo-se sentir no Brasil a partir da década de 90, com o surgimento de estudos sobre a juventude e a criação das políticas públicas voltadas a esse público. Em 2005, foi implantada pela Lei 11.129 a chamada Política Nacional da Juventude, que criou o marco regulatório para os jovens do país, buscando delinear e especificar a fase juvenil, esclarecendo seus deveres e direitos, bem como contribuindo para que os jovens tivessem acesso a políticas públicas de inclusão a programas de emprego, entre outras determinações. E, em 2013, foi sancionada a Lei 12.852, que veio determinar garantias de direitos e deveres dos jovens pelo Estado Brasileiro, definindo alguns marcadores temporais importantes para a promoção e condução desses jovens, entre eles, o que define como jovens as pessoas com idade entre 15 a 29 anos, contemplando cerca de 51 milhões de brasileiros, segundo o censo do IBGE (2010).

Diante do percurso exposto acerca da percepção do público jovem presente na sociedade e, por conseguinte, a criação de projetos e de leis para protegê-los e ajudá-los, fica evidente o reconhecimento e importância deste público no cenário social, já que os jovens passam a ser reconhecidos como os cidadãos que terão de assumir os postos de trabalho e a construção e reformulação dos espaços públicos e privados da sociedade em que vivem. Situação nova e desafiadora não apenas aos próprios jovens e ao país, mas sobretudo à instituição família, que é intermediária entre as conquistas e progressos no campo profissional dos jovens adultos e as oportunidades criadas pelas leis do país, que, bem mais que oferecer garantias legais, precisa atuar na solidificação de uma economia de crescimento e equilíbrio entre formação educacional e oportunidades de emprego e renda.

Botelho, Araújo e Codes (2016, p.104) destacam essas múltiplas mudanças que atingem o universo do jovem adulto, momento aonde vão

Deflagrando-se, grande parte dos processos de transição, tais como: finalização do ciclo escolar, inserção no mundo do trabalho e constituição de sua própria família. Completar 18 anos, no Brasil, é um marco simbólico e jurídico, que confere um status diferente ao indivíduo. Além de adquirir a maioridade, é nesta idade que os jovens tendem a concluir o ensino médio (situação esperada, caso tudo tenha ocorrido regularmente em suas trajetórias educacionais). Assim, esta é a fase em que se abrem as possibilidades para que eles se lancem a novas etapas de suas jornadas de vida, seja pela opção de continuar suas formações, ingressando no ensino superior, o que os protegerá até os 24 anos, seja por meio de suas buscas por inserção no mundo do trabalho, além das tentativas de constituírem novos arranjos domiciliares.

No contexto de desenvolvimento pessoal, concordamos com Rodrigues e Kublikowski

(2014, p.526), quando destacam que “considerar a passagem para a adultez como um processo revela-se condição *sine qua non* para a compreensão das visões teóricas contemporâneas acerca da construção da identidade adulta”, já que os jovens não dispõem de perspectivas de trajetórias únicas, precisando encontrar, dentro do contexto pessoal e familiar as vias possíveis de construção de alternativas para tornar-se adulto. Fato esse caracterizado como um processo individual, solitário e de desamparo, momento que, como destacam Carter e McGoldrick (1995, p.171), “requer imensas reservas de coragem, energia, tolerância em relação à ambiguidade, e disposição para arriscar”.

Mas até que ponto é possível ao jovem adulto arriscar? Esse ato implica observar quais variáveis o sistema familiar utiliza para lançar os filhos, já que, como afirma Camarano (2006, p.34):

Reconhece-se que os jovens têm autonomia parcial diante de suas vidas. Estão aptos para determinados atos, ao mesmo tempo em que permanecem tutelados por seus responsáveis em outros. Aceita-se a ideia de que vivem um processo de transição e preparação para a vida adulta, como, também, um momento no qual decisões cruciais são tomadas – entre as quais exercem papéis importantes a educação e o início da atividade laboral. No entanto, tal abordagem tem sido vista pela literatura com ressalvas. Uma delas diz respeito à percepção dos jovens apenas sob a ótica da transitoriedade de sua condição.

Isso porque, o jovem adulto, muitas vezes, não se autoriza a tomadas de decisões, outras vezes, porque não recebe o aval familiar para tanto, atitudes que acabam por descaracterizá-lo como indivíduo com direito de decisão sobre si mesmo, com experiências e vivências acumuladas e, principalmente, como responsável por toda e qualquer decisão tomada. E para que esse último aspecto seja possível tornar-se apropriação do jovem adulto, “os pais devem ter a capacidade de tolerar a ambiguidade na identidade profissional dos filhos adultos e aceitar a variação das ligações emocionais e dos estilos de vida fora da família. O filho, por sua vez, deve resolver as tarefas do estágio adolescente” (SILVEIRA e WAGNER, 2006, p.452).

Consideramos pertinente situar, aqui, o marco temporal civil da adolescência, definido pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), no ART. 2ª das disposições preliminares, que define por adolescente, toda a pessoa entre doze (12) e dezoito (18) anos de idade. Período esse, que passou a ser compreendido como um estágio de vida nas sociedades ocidentais pós-industriais, e inexistente antes disso, onde apenas a infância era reconhecida,

mas não delimitada, pois, aos primeiros sinais de amadurecimento físico ou de aprendizado profissional, a criança passava a ser considerada uma pessoa adulta (PAPALIA e FELDMAN, 2013).

Com o surgimento então, do fenômeno social que prolonga o tempo entre a infância e a vida adulta, elaborações conceituais mais amplas e abrangentes nos campos social, psicológico e desenvolvimental, superam a compreensão da puberdade com o foco voltado apenas para as mudanças físicas e de amadurecimento sexual, situando-a para além disso, como uma fase de descobertas pessoais, em que ocorre a alternância entre a independência rebelde e a dependência regressiva às origens familiares (WINNICOTT, 2011). Isto é, nesse momento surgem os primeiros sinais de questionamento dos modelos identificatórios que davam sustentação à criança e agora precisam ser postos a prova para emancipar e fazer surgir um novo sujeito (MOERIRA, ROSÁRIO e SANTOS, 2011).

O período abrangido pelo ECA na delimitação da adolescência é longo, se levarmos em conta as mudanças que se produzem na vida de quem está em pleno e fervoroso desenvolvimento. Já o Estatuto da Juventude define como jovens as pessoas com idade entre quinze (15) e vinte e nove (29) anos. Temos então um entrelaçamento de dois Estatutos no período de 3 anos, isto é, dos 15 aos 18 anos, momento em que essas pessoas podem ser chamadas de adolescentes e de jovens, um paralelo que, para além da nomenclatura, sinaliza dependência e independência, ambas em processo de construção/desconstrução, momento em que

Vemos os jovens buscando um tipo de identificação que não os abandone sozinhos em sua luta: a luta para sentir-se real, a luta para estabelecer uma identidade pessoal, a luta para viver o que deve ser vivido sem ter de conformar-se a um papel preestabelecido. Os adolescentes não sabem no que se tornarão. Não sabem onde estão, e estão a esperar. Tudo está em suspenso; isso acarreta o sentimento de irrealidade e a necessidade de tomar atitudes que lhes pareçam reais, e que de fato o são, na medida em que afetam a sociedade. Há na adolescência esta coisa muito curiosa e intrigante: a mistura de rebeldia e dependência. Aqueles que cuidam de adolescentes não raro vêem-se perplexos com o fato de que esses meninos e meninas, por vezes tão rebeldes, podem também ser ao mesmo tempo dependentes a ponto de parecerem crianças e mesmo bebês, manifestando padrões de dependência que talvez remontem aos primeiros meses de vida (WINNICOTT, 2011, p.123).

Assim, a adolescência e a juventude encontram-se próximas, não apenas porque ser jovem é sequência de ser adolescente, mas porque é nesta fase “que se adquirem as características psicológicas e sociais da condição adulta. A adolescência é marcada, principalmente, por mudanças externas advindas da puberdade e ocasionam implicações internas” (MOREIRA; ROSÁRIO; SANTOS, 2011, p.458). E são essas implicações que passam a fazer sentido e a provocar o jovem na desconstrução identitária estabelecida até então com os pais, a fim de erigir uma nova identidade ainda interligada com o sistema familiar e social. Neste momento, o jovem já reconhece as falhas e insuficiências deste núcleo familiar, visão esta que o qualifica para o patamar de jovem adulto e lhe insere no universo desejoso de ver sua imagem entrar, por assim dizer, na dialética social, na relação com outros iguais e diferentes de si mesmo, a transitar em relações amorosas e profissionais falando em nome próprio. Transformações conflitantes, mas necessárias na construção e aquisição de um novo lugar social articulado com a perspectiva da consolidação de sua identidade.

Em Papalia, Olds e Feldman (2013) as autoras retomam Erikson (1968) para destacar que, nessa fase de acesso e construção identitária, é imprescindível que o jovem adulto resolva algumas questões fundamentais, que são: “a escolha de uma ocupação, a adoção de valores sob os quais viver e o desenvolvimento de uma identidade sexual satisfatória” (p.422). E seguem considerando que chegar a essas definições não seria possível sem o enfrentamento saudável de uma crise, já que este estágio obriga o jovem adulto a uma tomada de consciência de seus atos, escolhas e experimentações de novos sentimentos. São essas experiências que o levarão ao campo da autonomia, cujas características, para além de ir modelando a identidade, embasam a atitude do compromisso pessoal com suas decisões, firmando-o no campo da adultez.

1.2 Os caminhos possíveis para o ingresso à vida adulta

Retomando Camarano (2006, p.36), concordamos que “o processo de transição para a vida adulta é complexo e heterogêneo, refletindo as diversidades da sociedade. No entanto, independência econômica parece ser um pré-requisito importante para esta transição”, dado que está interligado com a escolha profissional ou de uma ocupação, como refere-se Papalia, Olds e Feldman (2013).

Diante de tamanha importância que adquire para o jovem adulto o mercado de trabalho e suas possibilidades concretas de acessar a outro estágio de vida, o momento de seu desenvolvimento profissional, pode ser vivido com muita ansiedade, principalmente se ele não ingressou na atividade laboral de sua escolha, nem esteja no processo de formação para a mesma. Testar-se ou arriscar-se em campos profissionais diversos na busca de seus reais interesses começa a tornar-se perigoso, pois o nível de dúvida em relação a si mesmo o leva a uma perda de autoestima e a depressão. Esses sentimentos, não raro, interagem negativamente com os advindos de seus pais, igualmente ansiosos pela espera que vivem, de verem a capacidade dos filhos concretizada na realização pessoal e profissional (CARTER e MCGOLDRICK, 1995).

Assim “pode-se supor que a participação no mercado de trabalho e a constituição de domicílio são eventos que, combinados, marcam a vida adulta” (Camarano, 2006, p.44), já que instituem a independência econômica e emocional dos filhos. Destacando que, sair de casa pode ser para morar só ou com grupo de amigos, como também pelo casamento. Borges e Magalhães (2009) apresentam pesquisas sobre o lugar do casamento no projeto de vida de jovens adultos solteiros, e constatam que para eles, atingir a independência financeira e buscar sempre mais aprimoramento profissional encontram-se em primeiro plano, retardando os que envolvem casar-se ou formar família. Dado igualmente confirmado por nossa pesquisa para essa dissertação.

Isso nos remete a refletir sobre o segundo passo, por assim dizer, do acesso à construção da independência do jovem adulto, que é o aspecto da necessária construção de valores, mencionada por Papalia, Olds e Feldman (2013) e que nos leva à pergunta: quais seriam os valores que constituem o jovem adulto contemporâneo? Ser independente financeiramente de seus pais e ser profissionalmente competente aparecem como respostas possíveis de seus planos nas pesquisas e, portanto, o que embasa essa decisão, supõe-se, são valores pessoais ancorados na contemporaneidade que refletem a ideologia do sucesso, liberdade e conquistas financeiras. Comportamentos muitas vezes individualistas de construção de vida.

A contemporaneidade apresenta uma ideia de ser jovem bem diferente do que eram os jovens de outros tempos. Hoje,

Vivemos uma total inversão histórica, pois é vital ser e parecer jovem [...], os jovens gozam de condições privilegiadas de consumo e experiências; não é mais necessário se casar e ser velho para ter visibilidade. O jovem é o mais visível dos seres porque é o símbolo da nova era que aposta na intensidade das vivências atuais. (MOREIRA,

ROSÁRIO e SANTOS, 2011, p.460).

Por isso, talvez, constituir família seja postergado para momentos futuros, já que exigiria desse jovem renunciar ao ideal moderno do homem livre, que não apenas rompe com as tradições passadas, mas constrói sua vida com foco nas transformações sociais do presente, que exalta a vivência no aqui e agora para satisfazer a necessidade imediata de suas vontades e desejos.

Assim, afastado de um modelo normativo linear que preconizava a saída do lar parental, a independência financeira, o casamento e o nascimento de filhos para a concretização da entrada no ciclo de vida adulta, o jovem adulto contemporâneo vai usufruindo da diversidade das experiências possíveis que se colocam disponíveis para esse momento de vida. Vai, portanto, adiando o casamento e, conseqüentemente, a intenção de ter filhos, esse último muitas vezes ocorrendo sem o planejamento desejado, alterando a trajetória prevista, mas indicando como o exercício da sexualidade constitui, juntamente com as já citadas esferas de construção da identidade, elemento de autorreconhecimento de si como indivíduo construtor de sua história e gerador de vida, no sentido literal e metafórico.

Momento importante, transformador e crucial no ciclo de vida não apenas dos filhos jovens adultos, mas da família, pela maior instabilidade apresentada pelos filhos no acesso à vida adulta, cujo comportamento não linear e mais incerto vai demandando por mais tempo a presença e atuação paternas, fazendo desses momentos de vida períodos que exigem emocionalmente maior controle e equilíbrio por parte dos pais. Edwin H. Friedman (1995) destaca que a vivência dos ritos de passagem são momentos, normalmente, associados a fases emocionalmente críticas da vida. E nelas, a família tinha um o papel aparentemente visto como secundário, como estando mais numa posição de simples intermediária entre os filhos e a sociedade. Contudo, a partir de estudos destaca que:

A família, longe de ser uma intermediária, é a força primária operando nesses momentos – primária não apenas porque é ela, e não a cultura, que determina a qualidade emocional dessas ocasiões (e, conseqüentemente, o sucesso da passagem), mas também porque é a família, mais do que a cultura, que acaba determinando os ritos a serem cumpridos (FRIEDMAN, 1995, p.106).

Constata-se, então, diante da importância que tem do papel da família nos momentos de transição da vida dos filhos, que o exercício da autonomia e da identidade deve ser trabalhado

e incentivado pelos pais. Que é então, acredita-se, a partir das relações íntimas domésticas que se torna possível ir proporcionando e oferecendo aos filhos as condições de acertos e erros na condução de suas vidas e compromissos. Os pais devem permitir autonomia aos filhos no que se refere a tomada de decisões e resolução de seus problemas com relação a escola, cursos, professores e amigos, e não agir por eles, pois isso os limita no desenvolvimento de suas habilidades, cujas ocasiões, poderiam lhes oportunizar exercitar seu ingresso à vida adulta, cujo acesso só ocorre à medida que assumem papéis adultos (Ponciano, 2015).

À família cabe, como destaca Winnicott (2011, p. 131):

A tarefa de fazer face às necessidades mutantes do indivíduo que cresce, não apenas no sentido de satisfazer a impulsos instintivos, mas também de estar presente para receber as contribuições que são características essenciais da vida humana. A tarefa consiste, ademais, em aceitar as irrupções de rebeldia e as recaídas na dependência que se seguem à rebeldia. [...] é provável que a família do jovem seja a estrutura mais apta a suportar essa dupla exigência: a exigência da tolerância face à rebeldia, e a exigência dos cuidados, do tempo e do dinheiro dos pais.

Para os pais, fazer essa retaguarda pode significar propiciar que o processo de crescimento interno dos filhos ocorra de modo menos sofrido. Com apoio, eles podem mais facilmente ir substituindo as características ainda presentes do adolescente que não responde por si mesmo diante da vida, para a uma postura mais ciente de si mesmo, e que, de maneira mais autônoma, assuma as consequências advindas desse processo de crescimento.

Igualmente para os pais pode haver uma tranquilidade consciente de missão cumprida, pois, como também afirma Winnicott (2011, p. 130), “não precisamos preocupar-nos em demasia com a idade específica de uma criança, adolescente ou adulto. O que nos interessa é o grau de adaptação das condições ambientais às necessidades do indivíduo em qualquer momento de sua vida”.

E segue afirmando:

[...] no decorrer do desenvolvimento emocional o indivíduo transita da dependência para a independência; e o indivíduo sadio conserva a capacidade de transitar livremente de um estado a outro. Esse processo não é de fácil aquisição. Torna-se mais complexo pelas alternativas de rebeldia e dependência. Na rebeldia, o indivíduo rompe o círculo imediato que o envolve e dá segurança. Mas duas coisas são necessárias para que esse rompimento seja vantajoso. O indivíduo precisa inserir-se num círculo mais amplo que esteja pronto a aceitá-lo,

o que equivale a dizer que ele tem necessidade de retornar à situação rompida (WINNICOTT, 2011, p. 131-132).

Nesse ponto talvez o jovem adulto possa assumir o lugar, dentro da família, que o coloque em pé de igualdade com seus pais, podendo assim, falar em nome próprio, concordando e discordando da condução de si mesmo e das relações domésticas, e passe assim, a gozar dos benefícios de uma liberdade até então limitada. Isso, contudo, exigirá dele que não apenas reivindique esse lugar, dando provas de sua maturidade, mas, sobretudo, que aprenda a lidar com os efeitos que seu novo direito lhe confere: maior responsabilidade e poder de decisão (WINNICOTT, 2011).

Assim, aprender a lidar com o poder de decisão e associá-lo a outras escolhas como, sair da casa dos pais, ingressar num curso de profissionalização de nível técnico ou superior, trabalhar, namorar ou casar, entre outros, mantendo e preservando a relação familiar, poderá dar indícios do surgimento de um jovem adulto exercendo sua independência e autonomia. Perspectiva corroborada com Reichert (2011, p.92) ao afirmar que “a condição mais apropriada para um resultado desenvolvimental positivo é a combinação da independência com um ambiente familiar continente e acolhedor”.

Por fim, cabe salientar que, diante do que foi exposto até aqui, compreende-se como primordial o processo de aquisição da autonomia e da identidade nos jovens adultos, para que estes, com base firmada nesses pilares formativos, possam ingressar na vida adulta munidos das capacidades internas favoráveis para serem reconhecidos, como tão bem descrito por Reichert (2011, p. 95), como:

Aquele indivíduo que tem iniciativa, consegue identificar seus desejos, sabe como fazer para colocá-los em prática e toma para si a responsabilidade de seus atos. É aquele que reconhece suas potencialidades e suas fraquezas, sua fragilidade. Consegue expor suas emoções, pois está seguro de suas atitudes, tem confiança em si e nos outros, podendo mostrar-se sem se desvalorizar.

Chegar a este nível de autoconhecimento e controle de si será possível à medida que as variáveis da vida pessoal, familiar e social possam ser articuladas e desenvolvidas ao longo do ciclo vital. Esta articulação deve ter, nesta fase de adultez, favorecido a preparação dos filhos para uma vida autônoma, onde o investimento de tempo dispensado pelos pais, de cuidado, atenção, de incentivos e cobranças, juntamente com os aspectos financeiros investidos na escolarização, somados, possam ser concretizadas no campo da profissionalização. Que nesse

momento os filhos, pelo acesso ao mundo do trabalho, consolidem uma das dimensões de maior impacto e relevância na construção de sua identidade.

Por isso, a articulação dos aspectos que envolvem a escolha profissional, os legados familiares e sua interferência nas escolhas dos filhos, bem como a expectativa ou as vivências de ingresso/inserção no mundo do trabalho pelos jovens adultos, é o tema do próximo capítulo.

II ESCOLARIZAÇÃO E PROFISSIONALIZAÇÃO: CAMINHOS, ESCOLHAS E CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS POSSÍVEIS

*Todas as possibilidades são aceitáveis para o campo,
Já que por definição,
O campo é um estado de todas as possibilidades.
Deepak Chopra*

A educação deveria ser o campo privilegiado de acesso a todas as possibilidades desenvolvimentais de um indivíduo. A partir dela, quer estejamos nos referindo à educação doméstica, quer seja a formação escolar, os componentes de acesso à construção cognitiva operacional e identitária se fazem presentes e constituem a base sobre a qual aptidões técnicas e humanas sejam desenvolvidas e identificadas.

Arnett (2008) aponta, a partir da teoria Piagetiana, que a capacidade de processamento das operações formais são o marco final do desenvolvimento cognitivo, cujo ápice é atingido quando há a capacidade de resolução de questões de todas as ordens, no campo das operações formais, até os 20 anos, completando, neste momento, a maturidade cognitiva.

Esta característica da fase de adultez, somada à vitalidade e à maturidade da capacidade atingida pelo jovem adulto no campo cognitivo, o leva a iniciar a exploração ao nível da identidade, buscando, através das construções sociais, afetivas e profissionais um domínio cada vez mais crescente da vida. Por isso, concordamos com Arnett (2008), quando diz que esta etapa fica caracterizada, como um momento de instabilidade, já que as buscas e construções sinalizam para um projeto de vida adulta em fase de experimentação, outra

característica deste momento, onde mudanças de rumo são naturais e necessárias.

É através da experimentação, da autoanálise, da representação de papéis e adequação a eles que o jovem agrega informações sobre si mesmo e o mundo do trabalho (HUTZ, 2005). Daí ser um período de mudanças ou adequações de escolhas e, por mais que essas mudanças representem indecisão, o que também pode ser natural, não deixa de ser um indicativo, de que, à medida que o jovem adulto age focado na direção de suas metas e faz com elas testagens, estará desenvolvendo sua autonomia e independência (REICHERT, 2011), atuando, portanto, na construção de sua identidade adulta.

Diante disso, podemos dizer que autônomo é aquele indivíduo que tem iniciativa, consegue identificar seus desejos, sabe como fazer para coloca-los em prática e toma para si a responsabilidade de seus atos. É aquele que reconhece suas potencialidades e suas fraquezas, sua fragilidade. Consegue expor suas emoções, pois está seguro de suas atitudes, tem confiança em si e nos outros, podendo mostrar-se sem se desvalorizar. Assim, não podemos negar que, em grande parte, o sucesso ou o insucesso desta importante tarefa, o desenvolvimento da autonomia, está relacionado com a percepção que o jovem possui do mundo que o rodeia. Se o jovem o percebe de forma negativa, ele terá dificuldade em definir metas, encontrar formas de atingí-las e tomar decisões para alcançá-las (REICHERT, 2011, p. 95).

Essa percepção de mundo e os sentimentos gerados a partir dela, podem ser indicadores preciosos do clima familiar que envolve o jovem adulto e norteia a dinâmica da família, cujas implicações aparecem na forma de agir e nas escolhas realizadas pelos filhos. Destacando que, como salientam Ponciano e Fêres-Carneiro (2014), a variedade de escolhas e os múltiplos comportamentos dos jovens adultos estão relacionados com os recursos econômicos, afetivos, culturais e sociais que recebem e partilham no núcleo familiar, os quais podem ser um importante indicador e facilitador, ou não, na aquisição da autonomia.

Autonomia exigida para um cenário contemporâneo de mundo do trabalho com crescentes exigências que implicam não apenas uma maior necessidade de investimento ao nível da formação educacional, mas apontam para comportamentos pessoais mais integrativos e colaborativos. Campos e Freitas (2008) destacam que as características pessoais, as quais envolvem o sistema de crenças, valores e atitudes de uma pessoa são relevantes e exercem influência, não apenas para o ingresso ao mundo do trabalho, mas sobretudo, para manter-se nele de modo satisfatório.

Disso decorre que, na contemporaneidade, as famílias não diminuem esforços no incentivo e apoio aos filhos no campo educacional formal e complementar, esperando com isso proporcionar o desenvolvimento de capacidades competitivas para o ingresso dos filhos no mercado de trabalho. Comportamento este que tem prolongado a permanência dos filhos no lar parental até que eles estejam preparados e possam responder a uma demanda de mercado mais tecnológico, competitivo e exigente do uso e aplicabilidade das habilidades técnicas e humanas (MOREIRA; ROSÁRIO e SANTOS, 2011).

Como consequência disso, outras mudanças vão ocorrendo no campo social e econômico, modificando as relações domésticas e as perspectivas dos jovens adultos em relação ao seu futuro. Silveira e Wagner (2006) destacam que, do ponto de vista social, temos o adiamento dos planos de casamento, de constituição de sua própria família e geração de filhos; e, no aspecto econômico, com o desemprego ou subemprego atingindo fortemente os jovens adultos, apresenta-se igualmente a justificativa para que estes não saiam da casa e da dependência emocional da família, dificultando o exercício do desprendimento familiar e gerando a fase do 'ninho do cheio'.

Expressão essa que vem contrapor-se ao 'ninho vazio', que foi, segundo Carter, McGoldrick e cols. (1995, p.13) “uma invenção do século vinte”, juntamente com o surgimento, por assim dizer, da “noção de idade adulta jovem como uma fase independente”, denotando o quanto o movimento de construção e reordenamento do ciclo de vida vão ocorrendo e modificando as formas de relacionamento familiar e construção de individuação. Ponciano e Féres-Carneiro (2014) neste sentido destacam que esta fase, por situar-se entre dois momentos da vida, isto é, entre a adolescência e a vida adulta, produz, inevitavelmente, inseguranças e dúvidas que envolvem a todos, isto é, os pais e os filhos, quanto à forma de condução e vivência deste momento.

As citadas autoras, apontam que, em pesquisa para compreender a experiência de pais que vivenciam esta fase de vida de seus filhos indicam que a vivência deste período ocorre com os filhos usufruindo de uma certa autonomia em suas vidas. Contudo, essa vivência ocorre sem que esses filhos sejam responsabilizados plenamente por suas escolhas, ônus se mantêm atrelado aos pais, que, conseqüentemente não percebem que, apesar do crescimento dos filhos, não têm a diminuição de suas responsabilidades parentais.

Borges e Magalhães (2009, p.46) destacam que “a permanência de adultos jovens nas casas de seus pais, reivindicando apoio e autonomia concomitantemente, ilustra exatamente o

mecanismo de conciliação de valores hierárquicos e individualistas que opera nas famílias contemporâneas”. A família tem de permitir que seus membros se tornem menos dependentes uns dos outros, sem, contudo, descambar para um individualismo que deixa os filhos vulneráveis e sem ponto de referência.

Observa Ponciano (2015) que, muitas vezes, a proximidade vivida na esfera doméstica entre pais e filhos, a qual sinaliza para uma igualdade vivida entre os membros, pode enfraquecer a autoridade parental, na qual estes renunciam de sua posição hierárquica por entenderem que essa se contrapõe ao exercício da autonomia dos filhos. Contudo, uma não exclui a outra, apenas sinaliza para uma relação desigual e que assim deve ser, pois é nessa diferença que se torna possível a construção de um novo lugar. É, como destaca Rodrigues e Kublikowski (2014), o necessário e saudável jogo entre a busca pela individualização e a manutenção de uma vinculação necessária.

É nesse cenário que colocamos a nossa pesquisa, onde procuramos ouvir esses jovens que ainda residem no lar familiar, mas caminham na direção e busca da edificação de um lugar social e afetivo para suas vidas através da formação educacional com perspectivas profissionais.

A condição de estarem estudando indica-lhes o lugar social que almejam, cria uma perspectiva de vida futura independente, ao mesmo tempo que lhes gera uma esperança, que não os impede de ver a realidade social e econômica do país, mas os faz acreditar que, apesar de tudo, com esforço e dedicação pessoais, atingirão seus objetivos. Nesse aspecto alguns jovens destacam que estão dispostos, se isso for necessário, a mudar de Estado ou país, buscando não apenas oportunidades de trabalho e realização pessoal, mas um lugar onde o nicho específico da atuação que pretendem desempenhar esteja mais presente.

Esse pensamento indica que há, nos jovens adultos, a presença de um olhar sobre si independente das figuras parentais ou familiares, e que, no tempo certo, isto é, na conclusão do curso que realizam e sob a segurança interna necessária, efetivarão sua entrada na vida adulta, intermediados pelo trabalho. Trabalho que não apenas significa atividade laboral, mas aparece como um importante aspecto para o desenvolvimento do ser humano ao longo do ciclo vital da família, influenciando sua formação identitária, modificando as relações de diversos âmbitos da vida e compondo um acervo de sentidos e significados para o trabalhar (DUTRA-THOMÉ e KOLER, 2014).

2.1 O mundo do trabalho nos contextos: brasileiro e da Região Metropolitana do Recife (RMR)

Situar o mundo do trabalho no contexto brasileiro requer inseri-lo nas mudanças que se iniciam de forma contundente com o fenômeno da globalização e o das inovações tecnológicas. Elas criaram um clima de concorrência mercadológica até então não vivenciadas e uma competitividade profissional acirrada, ambas geradoras de profundas alterações nas formas de produção, consumo e inserção profissional, modificando, assim, as relações e o sentido do trabalho e do emprego (CAMPOS, 2011).

A partir desse cenário, a concepção e o desdobramento do significado do trabalho se configuram numa construção elaborada por um coletivo em um determinado contexto histórico, social e econômico (DUTRA-THOMÉ e KOLER, 2014), que atinge e modifica a sociedade como um todo, mas que “tem colocado no centro do debate os dilemas e perspectivas em torno das vinculações entre juventude, educação e trabalho” (TEIXEIRA, 2013, p. 207), por serem os jovens a ocuparem o lugar de menor privilégio nas relações de mercado e emprego, perpassados ainda, pela condição social e de educação, determinantes para suas trajetórias futuras.

Realidade que se confirma, mesmo com o incremento das leis que visam a assegurar oportunidades de educação e trabalho aos jovens brasileiros (CLT; Lei da Terceirização, Lei do Primeiro Emprego), as quais não apenas necessitam de inúmeros avanços, mas sobretudo, deveriam garantir a permanência dos jovens nas escolas, haja vista que “uma grande parcela dessa população não conseguiu concluir o Ensino Médio, enquanto que outra parcela, mesmo após o término dos estudos, por terem que trabalhar, não se qualificou de forma adequada, e devido a isso não conseguiu emprego e encontra-se na situação de desempregado” (SILVA, 2017, p. 16).

Acrescenta-se a essa realidade, também, aqueles jovens que sequer concluíram o Ensino Fundamental, tendo não apenas o acesso ao emprego altamente dificultado e fragilizado nos seus direitos, mas tornando-se mais facilmente vítimas sociais, inseridos nas estatísticas do desemprego, marginalidade e desamparo, ou na geração da violência, tráfico e morte, como agentes e vítimas.

Toma-se para isso, alguns dados da situação educacional do público juvenil na RMR, no período entre os anos de 2000 e 2010 (IBGE, 2010), por considerarmos importante

estabelecer a correlação da proporção juvenil com seus índices de escolaridade.

Para melhor compreendermos os percentuais, torna-se importante saber que a população total da RMR no ano de 2010, chegou a três milhões, seiscentos e noventa mil e quinhentos e quarenta e sete (3.690,547) habitantes; destes, a parcela de jovens entre 20 a 24 anos (público alvo deste estudo) era de: 4,66% de mulheres e 4,42% de homens, totalizando assim, 9,08% de público juvenil, ficando esta população composta por mais de 335 mil jovens. E, conforme o anuário estatístico de Pernambuco, no ano de 2015, os jovens entre 15 a 29 anos de idade representavam 25% da população total do Estado de Pernambuco (ANUÁRIO PERNAMBUCANO, 2017).

O panorama geral da condição juvenil na RMR, isto é, daqueles considerados jovens segundo o ECA e o Estatuto da Juventude, envolvendo então as faixas etárias dos 15 aos 29 anos, na sua correlação com os índices de escolarização, apresentam os seguintes dados:

- Jovens entre 15 a 17 anos com ensino fundamental completo eram 54,62%;
- Jovens adultos entre 18 a 20 anos com ensino médio completo eram de 42,20%.
- Jovens adultos entre 18 anos ou mais com o ensino fundamental completo entre os anos de 2000 e 2010 passaram de 47,13% para 61,01%.
- Adultos entre 25 anos ou mais, em 2010, 10,51% eram analfabetos, 58,12% tinham o ensino fundamental completo, 43,05% possuíam o ensino médio completo e 12,21%, o superior completo.
- Jovens adultos entre 18 a 24 anos, 14,27% estavam cursando o ensino superior em 2010, dado que em 2000 mostrava apenas 7,91% na universidade (ATLAS BRASIL, 2017).

Outro dado apresentado e que muito agrega e interessa à pesquisa, é o que apresenta, também, entre os anos de 2000 e 2010, a taxa de atividade laboral da população juvenil de 18 anos ou mais (ou seja, o percentual dessa população que era economicamente ativa) da RMR, que passou de 62,18% para 63,19%, sendo que destes 1,74% trabalhavam no setor agropecuário, 0,14% na indústria extrativa, 8,87% na indústria de transformação, 7,29% no setor de construção, 1,30% nos setores de utilidade pública, 19,33% no comércio e 54,75% no setor de serviços (ATLAS BRASIL, 2017).

Ao mesmo tempo, a taxa de desocupação nessa faixa etária (ou seja, o percentual da população economicamente ativa que estava desocupada) passou de 22,14% para 13,49% das pessoas ocupadas na faixa etária de 18 anos ou mais na RMR (AGÊNCIA BRASIL, 2017).

Neste ponto, observa-se que, se os dados apresentavam uma queda na taxa de desemprego até o ano de 2010, contudo considera-se importante contextualizar que agora, em 2017, o Brasil vive uma de suas piores crises econômicas, gerando, segundo o IBGE (2017), uma taxa de desemprego próxima à casa dos 14% a nível nacional, a partir do levantamento da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad, 2016).

Ainda em nível de Brasil, a população jovem de 14 a 24 anos, apresentou aumento nas taxas de desemprego, subindo de 20% em 2015, para 27,2% em 2016. E no Nordeste foram registradas as maiores taxas em 2016, em comparação com o restante do país, ficando na casa dos 14,4%. Ainda, segundo dados do Pnad, em todo o país, os jovens foram mais fortemente atingidos pelo desemprego são aqueles com ensino fundamental completo e o ensino médio incompleto (IPEA, 2017; ECONOMIA IG, 2017), isto é, os que tem menor escolaridade.

Diante destes números, não é difícil estabelecer a direta e estreita correlação entre escolaridade e trabalho, mesmo sendo este universo permeado por inúmeros paradoxos, já que melhor escolaridade não garante empregabilidade, mas sem dúvida, a demanda por investimento em educação e treinamento profissional são contrapartidas mínimas exigidas para que se inicie o processo competitivo pelos escassos postos de trabalho.

Os dados acima mencionados, apesar dos avanços que apresentam nos índices de escolarização, escancaram uma realidade de exclusão de uma significativa parcela de jovens da nossa sociedade. Ficando à margem justamente aqueles oriundos de famílias pobres, cujos membros também possuem baixa escolaridade, denunciando e evidenciando um fraco resultado do sistema educacional público que contribui para reforçar a realidade da presença de uma hierarquia social excludente (SOUZA, 2016), que só poderá ser modificada e transformada em igualdade social, pela educação, “considerada o instrumento por excelência de transformação e de justiça social” (CASTRO, 2008, p. 262).

Contudo, nos alerta Teixeira (2013, p. 211) para o fato de que:

Educação e trabalho, binômio antes experimentado como passaporte viável à ascensão e mobilidade social, mostram-se igualmente como campo de fluidez. Aos jovens é inculcada a representação do sistema de ensino como garantia da igualdade de oportunidades, porém os capitais herdados são distintos, assim nem sempre uma perspectiva de

igualdade de oportunidades corresponderá a uma igualdade de resultados.

De fato, perceber os movimentos em ondas que circundam educação, trabalho e empregabilidade é lidar com, de um lado, a exclusão que inclui e de outro, com a inclusão excludente. A educação é para todos: nela, portanto, todos podem encontrar seu lugar, e com ela construir pontes entre sua realidade e o mundo. A realidade singular de cada indivíduo, no entanto, é o que dá sentido a essa busca de pertencimento. E são os sentidos, revestidos das condições concretas de oportunidades que vão delineando o lugar de cada um.

É certo que as famílias com mais possibilidades financeiras buscarão instrumentalizar e capacitar seus filhos para o futuro profissional, mas não apenas isso, igualmente lhes transmitem um ideário de prazer e bem-estar associados ao trabalho. Enquanto que as famílias com menos dinheiro, mantêm a educação formal obrigatória e procuram indicar valores morais relacionados ao trabalho, tentando com isso, afastar os filhos do caminho da ilicitude e destacar um capital de integridade para deixar como legado (CARRETEIRO, 2007).

E, neste jogo, estamos diante da condição plural do universo juvenil, composta por muitas realidades, onde “vale observar que a noção de passagem ou de transição para a vida adulta, apesar de extrapolar a noção de inserção profissional, integra-se a ela, posto que fazem parte dessa ‘passagem’ ou ‘transição’, além da entrada no mercado de trabalho, vários outros elementos que socialmente compõem o estatuto de adulto” (TEIXEIRA, 2013, p. 213).

Os elementos acima, com os quais passaremos a dialogar no próximo capítulo, no qual não apenas o caminho que escolhemos para a pergunta sobre como se dá o processo percorrido pelos jovens na transição à vida adulta, será apresentado, mas principalmente, a voz dos atores principais se fará ouvir. Acreditamos que somente nesta interlocução se torna possível colocar luz no complexo jogo das vivências juvenis, e nele, de alguma forma, poder contribuir.

III AS PERGUNTAS DO CAMINHO

*Busquemos as coisas boas,
Não na aparência, mas sólidas e duradouras,
Mais belas no seu interior.
Devemos descobri-las.
Não estão longe, serão encontradas;
Apenas se precisa saber quando as encontramos.
Sêneca*

3.1 Objetivos

Geral

Compreender o processo de desenvolvimento da autonomia e da identidade adulta, pelo viés da profissionalização e do mundo do trabalho em jovens adultos, e como percebem a intervenção familiar nesta fase da vida.

Específicos

- a) Caracterizar nos jovens adultos entrevistados a fase estimada do seu desenvolvimento;
- b) Verificar nos jovens adultos, quais são os marcos emancipatórios presentes;
- c) Identificar como a família conduz e vivencia essa fase, sob o ponto de vista dos filhos;
- d) Identificar os legados familiares no que se refere à escolha profissional.

3.2 Método

O modelo de pesquisa utilizado no trabalho foi de natureza qualitativa, por apresentar características que melhor respondem aos objetivos propostos pelo estudo, os quais estão embasados na busca pela compreensão singular do desenvolvimento de autonomia e identidade adulta, em jovens nesta fase de vida. Há de se observar se a condição de se tornar trabalhador, pode contribuir com a aquisição identitária desejada para acessar o mundo adulto. Assim, num contexto de múltiplas correlações vividas por esses jovens se justifica a escolha da metodologia qualitativa, que, como destaca Minayo (2014, p.57), "se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam". Desse modo, essa perspectiva pode nos ajudar a compreender os processos sociais, afetivos e desenvolvimentais dos jovens adultos como grupo particular, que tem sua lógica própria de interpretação de mundo e de si mesmos.

3.2.1 Lócus da Pesquisa

A coleta de dados ocorreu na cidade do Recife-PE e região metropolitana, e a fim de situar os sujeitos pesquisados no seu lócus territorial, faz-se brevemente a apresentação dos 14 municípios que compõem a Região Metropolitana do Recife (RMR) no Estado de Pernambuco, sendo eles: Abreu e Lima, Araçoiaba, Cabo de Santo Agostinho, Camaragibe, Igarassu, Ilha de Itamaracá, Ipojuca, Itapissuma, Jaboatão dos Guararapes, Moreno, Olinda, Paulista, Recife e São Lourenço da Mata.

3.2.2 Participantes

Participaram da pesquisa, 06 jovens, 03 do sexo masculino e 03 do sexo feminino, entre 19 e 24 anos, que já haviam concluído o ensino médio e encontravam-se realizando um curso de profissionalização técnica ou superior, residentes na casa paterna, sem ter habitado em outro local. Destacamos que não houve a intenção de parearmos no número de participantes homens e mulheres, acontecendo naturalmente devido a técnica utilizada.

Assim, a escolha dos participantes se deu a partir da técnica ‘bola de neve’, a qual, segundo Turato (2003), é um modo de construção de amostragem pela qual o pesquisador inicia convidando um sujeito que tenha as características do que se pretende estudar e este indica outro para realizar entrevista similar e assim, sucessivamente vai convidando outros, privilegiando as indicações dos sujeitos anteriores, até que se feche o estudo.

O uso dessa técnica mostrou-se muito eficaz em colocar os sujeitos da pesquisa em contato, a fim de facilitar o acesso do pesquisador a eles, além de nos revelar jovens comprometidos e interessados, com manifesta necessidade de um lugar de fala e de escuta. A carência de serem ouvidos ficou demonstrado pelo interesse em participar e em indicar amigos.

3.2.3 Instrumentos

Os instrumentos utilizados foram:

1- Questionário sociodemográfico, contendo questões para caracterizar os participantes (Apêndice A).

2- Entrevista semiestruturada contendo roteiro, acerca de questões sobre como os jovens adultos enfrentam os conflitos específicos de sua fase de vida; qual o sentido e importância do mundo do trabalho para consolidarem-se como autônomos e independentes; e como vivenciam esses sentimentos e anseios na relação parental (Apêndice B).

Destacamos que a entrevista semiestruturada foi elaborada a partir da compreensão de que seu roteiro deveria servir como um guia, contendo as diretrizes a serem seguidas, sem, contudo, as perguntas estarem enrijecidas, para assim, ir proporcionando no desenrolar da entrevista, o surgimento de novos temas e questões. Minayo (2014, p.191) destaca que: “para esta modalidade de abordagem, o roteiro deve desdobrar os vários indicadores essenciais e suficientes em tópicos que contemplem a abrangência das informações esperadas”. Assim, durante a entrevista, de forma o mais natural possível, deve-se propiciar, a partir dos questionamentos, que o jovem faça o relato das experiências de sua vida, seus sentimentos e compreensões acerca dos fatos que compõe sua história. Será, a partir dessas vivências narradas, que se fará uma elaboração, buscando compreender os sentimentos experienciados

nas circunstâncias vividas e os possíveis desdobramentos deles no presente e para o futuro do jovem adulto.

3.2.4 Procedimentos da Coleta de Dados

A coleta de dados foi iniciada por convite dirigido a um jovem adulto que apresentava o perfil desejado para a pesquisa. No momento do contato com ele, foi-lhe explicado o objetivo do estudo, apresentado sua relevância e importância. Nesse mesmo contato, já foi marcado o dia, local e hora de melhor conveniência ao jovem para a realização da entrevista, sendo-lhe esclarecido que ela era individual e poderia ocorrer na sua residência, no consultório de atividade profissional da pesquisadora, bem como na própria UNICAP ou em algum outro local indicado por ele, que oferecesse as condições necessárias de resguardo para a realização da pesquisa.

Com dia e hora marcados iniciou-se a realização da primeira entrevista que, após a acolhida ao jovem, seguiu-se o roteiro de começar pela leitura e assinatura o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice C); em seguida, a aplicação do questionário sociodemográfico e, por fim, a entrevista. O tempo total de aplicação durou em média de 60 minutos e foi solicitada a autorização para gravar a entrevista, que, de pronto, foi aceita pelo jovem.

Seguindo o modelo utilizado para a coleta de dados, que foi a técnica da bola de neve, ao final da entrevista solicitou-se ao jovem a indicação de um amigo ou amiga que, estando dentro do perfil a ser pesquisado, fosse indicado por ele para também responder e participar da pesquisa. A aceitação fora imediata com a rápida lembrança de amigos e colegas de curso, trocando-se assim os contatos para a sequência da pesquisa.

Após o término da primeira entrevista realizou-se imediatamente contato telefônico com uma indicação sugerida pelo jovem entrevistado, para assim dar sequência à coleta de dados. Diante da aceitação do(a) jovem ao convite para igualmente participar da pesquisa seguiu-se o rito já descrito e realizou-se a entrevista, seguindo igualmente este protocolo com cada participante subsequente.

3.2.5 Procedimentos Éticos

Para a realização desta pesquisa foram obedecidas as orientações da Resolução do Conselho Federal de Psicologia 016/2000 que dispõe sobre a realização de pesquisa em psicologia com seres humanos; bem como a Resolução 466/2012 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que visa assegurar os direitos e deveres que dizem respeito à comunidade científica, aos sujeitos da pesquisa e ao Estado.

A pesquisa também foi submetida e aceita pelo Comitê de Ética da Universidade Católica de Pernambuco, sendo registrada pelo CAAE sob o número 61619316.9.000052.06 (Anexo 1).

Aos participantes selecionados e que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), foi ainda enfatizado que, mesmo após a assinatura de consentimento que haviam acabado de firmar, estava assegurando-lhes o direito de, a qualquer momento, desistir de ser voluntário na pesquisa sem sofrer nenhum prejuízo.

3.2.6 Procedimentos de Análise

Os dados foram analisados pela Técnica de Análise de Conteúdo Temático, que, segundo Minayo (2014), abrange 3 fases: a pré-análise (leitura flutuante), a exploração do material (construção de unidades de sentido) e o tratamento dos resultados.

Cabe aqui destacar a singularidade vivenciada na coleta dos dados, fase que antecede a pré-análise, mas que consideramos mereça destaque, devido ao entusiasmo e disposição dos jovens em falar do seu momento de vida. Onde manifestaram curiosidade e interesse de se perceberem no mundo, buscando se entenderem dentro das perspectivas que estão traçando em busca do futuro. Essa abertura ao novo, sentimento de esperança, construção e coragem apresentadas já são dados importantes que demarcam o território juvenil.

Com esse sentimento iniciou-se a pré-análise dos dados que abarcou num primeiro momento a transcrição das entrevistas. Apesar de ser uma atividade cansativa e demorada, oferece-nos a riqueza de uma segunda escuta. É um novo olhar para a entrevista, um olhar voltado para as nuances de uma fala desmembrada em entonação, na escolha e no uso das palavras, na forma de construção lógica das ideias, na abertura singela para os segredos e

medos. Momento em que o pesquisador tem a real noção de quão importante e significativo é aquele momento para o participante da pesquisa. E, conseqüentemente, quão grande é a responsabilidade compartilhada nesse momento.

Seguiu-se, então, com a exploração dos dados de cada entrevista, que obedeceu a seguinte ordem: transcrição da entrevista; leitura flutuante; síntese da entrevista, identificação e destaque das unidades de sentido e a síntese geral de todas as entrevistas; e, por fim, a análise e categorização dos dados sociodemográficos.

IV O QUE DIZEM OS JOVENS ADULTOS: ANÁLISE DOS DADOS

*Houve um dia em que subi esta rua pensando alegremente no futuro,
 Pois Deus dá licença que o que existe seja fortemente iluminado,
 Hoje, descendo esta rua, nem no passado penso alegremente.
 Quando muito, nem penso...
 Tenho a impressão que as duas figuras se cruzam na rua, nem então
 Nem agora,
 Mas aqui mesmo,
 Sem tempo a perturbar o cruzamento.
 Fernando Pessoa*

Como dito anteriormente sobre o encadeamento da coleta de dados, realizou-se então, após a leitura flutuante do material de cada entrevista, a ordenação dos dados sociodemográficos e a síntese das ideias apresentadas por cada jovem.

Para compreender o momento de vida de cada um, o tempo objetivo e o espaço subjetivo onde buscam construir-se, é preciso olhar para o seu dia a dia e para as formas como se ocupam, vivem e significam seu presente. A partir disso, é possível dizer que “o desenvolvimento físico é acompanhado pelo crescimento emocional, ambos pautados por desafios que permanentemente se colocam à sua capacidade de adaptação (MOTA e ROCHA, 2012, p. 358) e indicam o nível de apropriação na transição à vida adulta.

A partir então das informações ordenadas, foi-se apreendendo um quadro específico de dados, os quais nos indicaram o início do tratamento dos resultados.

Voltamos assim o olhar para os dados sociodemográficos a fim de definir quem foram os sujeitos da pesquisa, os quais procuramos identificar e ordenar por similaridades e diferenças. Dos 06 jovens entrevistados, obtivemos então, 03 homens e 03 mulheres; sua idade, escolaridade, bem como a de seus pais com a correspondente profissão de cada um; a cidade onde residem, o Estado de origem e o arranjo familiar onde convivem. A partir desses dados, e para melhor apresentá-los, construiu-se o seguinte quadro:

4.1 Categorizando a Coleta dos Dados Sociodemográficos

Quadro 1: Dados do Questionário Sociodemográfico

Dados de Identificação dos Participantes Homens			
Quem respondeu ao Formulário	Homem	Homem	Homem
Cidade onde reside	Olinda	Paulista	Recife
Estado de Origem	PE	PE	PE
Arranjo Familiar	Vivendo com pais e irmãos	Vivendo somente com a mãe sem irmãos	Vivendo somente com a mãe sem irmãos
Idade	20 anos	20 anos	20 anos
Escolaridade do Respondente	Cursando Ensino Superior 5º Período	Ensino Médio completo cursando preparatório para o ENEM	Cursando Ensino Superior 2º Período
Escolaridade do Pai	Superior Completo	Ensino Médio Completo	Superior Incompleto
Escolaridade da Mãe	Superior com Pós-graduação	Ensino Médio Completo	Superior com Pós-graduação
Profissão do Pai	Operador de Agência Bancária	Empilhador	Policia e Marceneiro
Profissão da Mãe	Empresária	Doméstica	Enfermeira aposentada

Dados de Identificação das Participantes Mulheres			
Quem respondeu ao Formulário	Mulher	Mulher	Mulher
Cidade onde reside	Recife	Recife	Olinda
Estado de Origem	PE	PE	PE
Arranjo Familiar	Vivendo somente com a mãe sem irmãos	Vivendo somente com a mãe sem irmãos	Vivendo com o pai e filho da madrasta
Idade	21 anos	24 anos	21 anos
Escolaridade do Respondente	Cursando Ensino Superior 4º Período	Cursando Ensino Superior 5º Período	Cursando Ensino Técnico (enfermagem)
Escolaridade do Pai	Fundamental completo	Superior Completo	Médio Completo
Escolaridade da Mãe	Superior com Pós-graduação	Superior com Pós-graduação	Médio Completo
Profissão do Pai	Corretor de veículos	Administrador	Arrecadador (setor de cobrança)
Profissão da Mãe	Professora	Arquiteta	Funcionária de empresa

			alimentícia (fabricação de balas)
--	--	--	---

4.2 Analisando os dados Sociodemográficos

A pesquisa, no campo identificação, como já dito anteriormente, contemplou 06 Jovens Adultos, sendo 03 do sexo feminino e 03 do sexo masculino. Quanto ao local onde residem, a distribuição ficou da seguinte forma: 03 deles são residentes na cidade do Recife/PE, 02 na cidade de Olinda/PE e 01 na cidade de Paulista /PE. Todos os jovens são de origem pernambucana.

No arranjo familiar, obteve-se que, do(a)s jovens entrevistado(a)s, 04 dele(a)s vivem somente com a mãe, sem irmãos, 01 desses, vive apenas com a mãe em vista do falecimento precoce do pai devido à doença, e os outros 03 jovens vivem somente com a mãe por motivo de separação/divórcio dos pais; 01 residente com pai e madrasta e 01 jovem que vive com os pais e irmãos.

A idade do(a)s jovens entrevistados foi: 03 de 20 anos, 02 de 21 anos e 01 de 24 anos.

A escolaridade de todos é Ensino Médio completo: deles, 04 cursam o ensino de nível superior; 01 realiza curso Técnico na área de enfermagem e 01 realiza preparatório para o ingresso no nível superior.

Na escolaridade paterna do(a)s jovens obteve-se: 01 com nível superior completo, 01 com nível superior incompleto e 01 com nível fundamental; 03 com ensino médio completo.

Na escolaridade materna do(a)s jovens obteve-se: 04 com nível superior completo com pós-graduação, 01 com ensino médio completo e 01 com nível médio incompleto.

Quanto a profissão dos pais do(a)s jovens, é interessante observar que, apesar das diferenças de escolaridade, todos construíram carreira profissional e estabeleceram-se no mercado de trabalho de modo satisfatório, podendo construir família e ter uma vida organizada. O mesmo apreende-se do campo profissional das mães, sendo que as mulheres, de modo geral, apresentaram melhor índice de escolaridade e melhor colocação no mercado profissional.

4.3 Síntese das Entrevistas

Dando sequência ao tratamento dos dados, no segundo momento, voltamos o olhar para as entrevistas. Após realizada a sua transcrição, procedeu-se à construção da síntese das ideias relatadas por cada jovem. Nesses relatos, procuramos apresentar seus sentimentos com relação à fase de vida, seus desafios, angústias, certezas e incertezas; como se dá a vivência familiar com os acordos ditos e não ditos, as expectativas sentidas com relação ao futuro e o suporte que recebem ou que sentem faltar, por parte dos pais.

Com isso estamos ressaltando o primeiro passo para a análise qualitativa dos dados da pesquisa, ou seja, momento em que é possível apreender o que é significativo e relevante para o entrevistado, ao mesmo tempo que sinaliza para o pesquisador as unidades de sentido que surgirão, ou seja, a síntese das entrevistas são a preliminar para que as unidades de sentido sejam identificadas.

A partir daqui então, quando passamos a apresentar a síntese de cada entrevista, destacamos que utilizaremos nomes fictícios para designar os jovens entrevistados, a fim de resguardar, segundo os preceitos éticos já mencionados, o sigilo de seus dados e a confidencialidade de suas identidades.

Entrevista 1

Ideias da entrevista de Pedro, 20 anos.

“O querer é o segredo, não o fazer...”

Pedro, 20 anos, mora com seus pais e uma irmã adolescente, faz faculdade de engenharia mecânica numa instituição privada de ensino e está cursando o 5º período.

Ele diz que ser jovem adulto é diferente do que pensava, porque, inicialmente, imaginava que iria acabar o ensino médio, entrar na faculdade e que a vida seria festa e diversão. Contudo, descobriu que precisava de um emprego e de uma orientação para encarar o mundo. E foi isso que fez. Começou a trabalhar como jovem aprendiz no início dos seus 16 anos, migrando dessa experiência para um estágio em outra empresa, e desta para um emprego formal, a loja de carros de seus pais.

Diz, que, pelo fato de ser a loja de seus pais, isso lhe acarreta maior responsabilidade, não porque trabalha mais, mas porque, além de dar resultados, precisa mostrar interesse.

Destaca que, quando trabalhava em outras empresas, cumpria com suas obrigações e estava tranquilo, mas agora tem que estar sempre disponível, mesmo fora do horário do expediente.

Trabalhar, para ele, trouxe-lhe independência financeira e maturidade. A primeira vista, foi algo muito bom porque lhe possibilitou cuidar da própria vida, no sentido de seus anseios de consumo e diversão, além da liberdade de poder ir e vir sem precisar ficar pedindo permissão aos pais. Apenas consultando-os e conversando sobre planos que incluíam tomadas de decisão mais complexas, como uma viagem para um lugar distante, como outro Estado, por exemplo.

Já a maturidade é algo que para ele nem sempre é bom, pois exige ter prioridades e fazer escolhas mais sérias, como trocar o gasto de uma festa ou passeio com a namorada, pela obrigação consigo mesmo, pois, se o dinheiro acabar, a responsabilidade será sua. Relata que todos os gastos pessoais são de sua responsabilidade, pois o acordo feito com os pais foi de que pagariam sua faculdade e que ele não precisaria contribuir com a casa, mas que seus gastos pessoais seriam por sua conta e que não lhe dariam dinheiro, exceto em algum momento muito pontual, dependendo da situação.

Essa condição no campo financeiro lhe permitiu fazer planos e compras para realizar sonhos, como adquirir seu primeiro carro, para o qual precisou fazer um financiamento e que, considera, ter sido a primeira decisão mais séria. O mesmo ocorre com viagens. Diz gostar de lidar com a responsabilidade de fazer escolhas, mas admite isso ser possível por ser uma pessoa que não gosta de gastar dinheiro com restaurantes e bares, mas de juntar seu dinheiro para comprar o que deseja.

Com relação à convivência com os pais, relata ser tranquila, e que os conflitos acabaram a partir do momento em que começou a provar que tinha consciência do que fazia. Relaciona essa condição do relacionamento familiar com sua posição de trabalhador, pois foi depois de trabalhar, ganhar seu dinheiro e de fazer uso coerente dele, que passou a desfrutar da confiança dos pais. Diz ter uma relação aberta e sem segredos para com seus pais, “sendo segredo apenas o querer, não o fazer”.

Com relação à sua irmã adolescente, tem boa relação, mas observa uma vivência desta fase bem diferente da sua adolescência, pois hoje é marcadamente permeada de tecnologia, uso demasiado de celular e redes sociais e consequente isolamento social. Relata que, no seu tempo brincava na rua, andava de bicicleta, ia à casa de amigos onde, por vezes, passava a noite jogando e conversando, e isso hoje não é mais costumeiro. E essa nova realidade não lhe

agrada, por isso sugere à sua irmã que viva, que marque de se encontrar com as amigas, no entanto, quando isso ocorre em sua casa, observa que cada uma fica no seu celular e que ele interfere e chama atenção para isso e que elas não gostam.

Já com seus amigos da adolescência mantém contato até hoje, e que às vezes consegue encontrar-se na casa de um deles ou em algum lugar para conversarem e beberem. A dificuldade é que a metade tem namorada e a metade não tem, e isso, segundo ele, atrapalha. Mas quando é possível retomar os antigos programas que faziam, continuam fazendo, e que para ele, *“O que não dá mais, realmente foi por que passou a fase, e outras virão”*.

Observa também que desses amigos (grupo em torno de 10 pessoas) apenas três trabalham, ele e mais dois; alguns sequer entraram na faculdade, e dos que entraram, alguns tentaram estágio, mas desistiram. Diz não conseguir entender isso, entender o que pensam da vida.

Na faculdade, mantém uma relação bem distinta com seus colegas, não levando uma amizade para além desse espaço. Diz perceber a grande diferença entre as turmas da manhã e da noite, sendo esta última, composta por pessoas mais maduras, na grande maioria trabalhadores, e por isso são mais comprometidos e responsáveis com o estudo e com o respeito aos professores. Nessa observação, não atribui a maturidade ao fato de alguém trabalhar, mas considera maturidade associada à responsabilidade. Diz observar que têm colegas que não trabalham, mas têm responsabilidade no que fazem.

Com relação ao seu futuro imagina-se morando em outro Estado (São Paulo ou Minas Gerais) pois é lá onde se encontram as grandes empresas automobilísticas, e em alguma delas, almeja atuar na área projetista. Campo relacionado à arquitetura, sua primeira opção quando pensou na profissão que teria. Com o passar do tempo, juntou a ela o que considerava *hobby*, o gosto por carros, percebendo que ali estava o que realmente gostava de fazer.

Entrevista 2

Ideias da entrevista de Ana, 21 anos.

“Um pé lá, outro cá”.

Ana, 21 anos, mora com sua mãe, faz faculdade de direito numa instituição privada de ensino e está cursando o 2º período.

Ser jovem adulta para ela é um choque, porque considera que recai sobre o jovem adulto uma grande responsabilidade, que é a construção do seu futuro, de sua vida profissional, a busca de seu sustento e a efetiva construção de sua vida. Sente-se insegura com o mundo profissional, principalmente porque nunca trabalhou.

Mudou-se para o Recife no mês de julho do ano de 2016, ao mesmo tempo em que sua mãe conseguiu a transferência do trabalho e ela passara no vestibular.

Sair de uma cidade do interior onde a convivência com amigos e vizinhos era uma constante e passar a morar numa metrópole não lhe agrada muito, experiência que diz ser sentida como um impacto na sua vida. Sente saudades dos amigos que deixou, pois muitos deles são do tempo de escola, e do ritmo da cidade de interior onde morava. Considera-se uma pessoa afetiva, e diz sentir-se só por aqui, já que suas amizades de faculdade são apenas daquele espaço, o que a salva, é seu namorado e sua irmã mais velha morarem no Recife e ter feito amizade com a família de seu cunhado e a de seu namorado.

Apesar de apresentar esse panorama, a mudança de cidade e ter iniciado a faculdade, são, nas suas palavras, seu ponto inicial. Tudo lhe parece diferente: convive com uma grande diversidade de pessoas e pensamentos; seus estudos, hoje, são levados mais a sério, pois não costumava estudar tanto, agora pensa que de seu esforço presente valerá seu futuro, já que considera que, na vida, deve-se buscar ser bom naquilo que fizer, nunca ser o pior.

Para contribuir com seus gastos e ajudar sua mãe e irmã, que também a ajuda financeiramente, começou a vender bijuterias. Está aprendendo a organizar-se com relação a datas e prazos de pagamentos de suas clientes, pois tem dificuldade de cobrar quando vende a prazo. Diz não ter coragem de vender a quem não conhece, o que a limita um pouco. Contudo, além do aprendizado e da coragem em investir em algo profissional, desse trabalho já consegue pagar seus gastos com xerox e transporte para a faculdade; fazer algumas economias para gastar num projeto que fez com seu namorado de uma viagem no próximo ano; conseguiu pagar a confecção de seu passaporte, entre a manutenção de outros pequenos gastos do dia a dia.

Com relação ao futuro, não tem certeza de nada, diz sentir-se ansiosa e com medo, por isso só pensa que precisa dar seu melhor agora. Relata ter demorado a ingressar na faculdade porque seu desejo era fazer fisioterapia, mas só podia cursar se passasse na UFPE, por conta do alto custo. Os anos foram passando e de repente percebeu que devia decidir-se e iniciar os estudos, foi quando sua segunda opção se tornou a primeira. Prestou vestibular para direito,

passou e ingressou assim na faculdade. Essa decisão tem a influência de sua irmã, que é defensora pública e, além de incentivá-la e apoiá-la, leva-a para assistir a audiências, na qual também iniciará um estágio voluntário para ir ganhando experiência, até que chegue ao 4º período e possa estagiar sendo remunerada.

Com relação a suas escolhas quanto à área de atuação, conclui que o fato de não ter ninguém da família atuando na área da saúde desestimulou-a, pois imagina que seria solitário seu percurso e que em direito lhe parece mais cômodo por ter o apoio de sua irmã.

Ana cresceu em contato com seu pai, que se separou de sua mãe quando ela tinha 2 anos. Na infância, conviveu com seus dois irmãos da segunda união de seu pai, hoje adolescentes, com os quais agora tem pouco contato.

Considera-se independente só em partes, isto é, em alguns momentos, para tomadas de algumas decisões como sair, e resolver coisas simples, mas que se sente muito dependente de sua mãe, não apenas financeiramente, assim como se sente dependente de família, namorado e amigos.

Olhando para seu presente, descreve-o como um momento em que vive com “*um pé lá, outro cá*”. Isto é, as lutas que empreende agora, fazem-na olhar para o futuro, buscando construí-lo, assim como esse “pé lá”, são ainda as amarras e saudades que relata sentir de um tempo de infância e adolescência vividos numa cidade de interior e que lhe possibilitou estabelecer vínculos afetivos profundos com as pessoas. A nova fase a lançou para a faculdade e com ela veio a responsabilidade pela própria vida, momento adiado, mas inevitável.

Entrevista 3

Ideias da entrevista de Camila, 24 anos.

“Um dia vai ter uma curva: vou por aqui e elas vem por aqui... um dia vão colidir: eu e as responsabilidades”.

Camila, 24 anos, filha única, mora com a mãe e recentemente perdeu o pai, vítima de enfarte. Cursa o ensino superior numa instituição privada de ensino, estando no 5º período do curso de enfermagem.

Ser uma jovem adulta para ela é complicado, sente-se tardiamente na faculdade, está na metade do curso, considera que deveria estar concluindo-o. Parâmetro que estabelece a partir de seus amigos que se encontram em fase de conclusão. Complicado também, porque sente o peso da responsabilidade em assumir o compromisso com a própria vida, ter de responder por seus atos e arcar com suas decisões.

Como estuda de dia, diz não poder trabalhar, reconhecendo que sua mãe fica sobrecarregada com a tarefa de sustentá-las integralmente. Não poder contribuir financeiramente lhe é difícil, pois gostaria de ajudar; mas considera difícil também não ter seu espaço e sua liberdade. Por ainda morar com sua mãe não se sente à vontade em levar os amigos para casa, já que eles gostam de beber, inclusive ela, e isso poder causar problemas, já que a mãe não gosta de bebidas. Isso a faz pensar que gostaria de ter seu espaço, ter a própria casa e poder fazer suas escolhas com liberdade, sem ter que dar satisfações a ninguém. Sente não ser mais uma adolescente, mas acha que a mãe não a vê com 24 anos.

Diz sentir-se “atrás” de seus amigos com relação à independência, já que eles estão em fase de término da graduação e logo estarão respondendo economicamente por suas vidas. Percepção que lhe é difícil, pois tem modificado a forma como se vê e de como vê seu futuro. Questão para ela intimamente ligada: independência e dinheiro. Por isso não se sente independente, pois depende para tudo da mãe. Diz depender psicologicamente, fisicamente e financeiramente, da mãe. Essa dependência lhe causa uma obrigação de, em tudo o que faz, dar satisfação a ela.

Apesar de sentir que deva satisfação a sua mãe e esta lhe dá liberdade de sair e fazer seus programas com os amigos, basicamente os mesmos desde o tempo de colégio, sente que sua mãe não confia totalmente em seu comportamento, pois liga e “pega no pé”, mesmo sabendo com quem está. Contudo, isso não é garantia de não haver segredos entre elas. Algumas vezes, utiliza-se da mentira para poder usufruir de sua liberdade de escolha. Isso acontece quando vai sair com algum menino com o qual esteja se relacionando, mas não namorando. Atitude, segundo ela, que seria criticada por sua mãe, pois, para ela, uma jovem deveria namorar para aí relacionar-se intimamente com um rapaz.

Para o futuro vislumbra dois planos, o plano A e o plano B. O plano A seria mudar de país. Em recente viagem para os EUA, percebeu o quanto a vida é diferente em termos de oportunidades e qualidade de vida em país mais desenvolvido. Não se importaria em trabalhar com atividade mais básica e simples, contanto que tivesse dinheiro e uma vida melhor. Tem

buscado vídeos informativos sobre validação do diploma superior em outros países, e que pretende buscar essa validação nos EUA ou em outros países.

O plano B seria passar em concurso público de sua área para garantir um emprego e arrumar outros, pois, para ela, com apenas um trabalho, não será possível viver. Essas reflexões lhe causam ansiedade e diz sentir a pressão da responsabilidade que se aproxima, o que a leva a pensar se é isso mesmo que deseja, mesmo sabendo que é esse o preço a ser pago pela tão almejada liberdade.

Relata ter feito uma postagem em rede social que mostra uma pessoa fugindo e um monte de gente correndo atrás ... diz ser essa imagem que vê de si mesma nessa fase: *“eu e as responsabilidades, estou fugindo e elas vêm me encontrar. Mas um dia vai haver uma curva: vou por aqui e eles vem por aqui... um dia vão colidir: eu e as responsabilidades”*.

Entrevista 4

Ideias da entrevista de João, 20 anos.

“Eu acho bom eu ter noção de que as coisas dependem de mim. Elas sempre dependeram, essa é a condição humana, as coisas dependerem de você”.

João, 20 anos, irmão mais velho de dois filhos, mora hoje com sua mãe, mas passou alguns anos residindo com o pai, após a separação deles. Faz faculdade de psicologia numa instituição privada de ensino e está cursando o 1º período. Antes disso, havia entrado no curso de arquitetura, permanecendo nele por dois semestres.

Concluiu o ensino médio com 16 anos e pensou em várias opções profissionais: arquitetura, ciências políticas, ser artista e finalmente psicologia, onde diz ter-se encontrado.

Para ele, a fase de ser jovem adulto é sentida como um momento em que a percepção de si assume um caráter decisivo. Sente hoje que as decisões quanto a sua vida pessoal no campo da escolha profissional, da aparência, das amizades, dos relacionamentos amorosos são escolhas absolutamente pessoais. Entende o que é de competência e contribuição dos pais nessa fase de vida, mas sente que tudo depende de si mesmo, isto é, os avanços e as realizações que deseja para sua vida são escolhas suas. Diz estar ciente de que *“quando você conclui alguma coisa não tem como fugir dela, não tem como desaprender, então eu concluí, que tudo depende de mim, e que, se eu ficar parado, as coisas não vão sair do canto sozinhas.*

Eu acho bom ter noção de que as coisas dependem de mim. Elas sempre dependeram, essa é a condição humana, as coisas dependerem de você”.

Relata ter vivido a infância e a adolescência do modo como sua mãe determinava, com muitas regras e pouco contato social. Não fez amizades profundas, que ficaram restritas ao contato escolar e na igreja que frequentava. Diz não ter experiência de ter brincado na rua com vizinhos, nem realizado passeios na casa de ninguém, nem em locais públicos como cinema ou shopping. Vivendo isso a partir do momento em que entrou num cursinho pré-vestibular.

Lembra que as escolhas para aquilo que era considerado bom para sua vida era uma decisão absolutamente materna, comportamento que hoje, para ele, assume um caráter de importância singular, já que precisou fazer o exercício de procurar descobrir e sentir o que queria para si mesmo. Essa experiência tem-lhe dado a sensação de independência porque considera que hoje é visto e sentido pelos colegas, professores e amigos como realmente é. Esse é o sentimento que ele diz ter em relação a si mesmo: sentir-se o único responsável por si mesmo. Sendo essa, talvez, sua maior aquisição nesta fase de vida.

Entrevista 5

Ideias da entrevista de Jorge, 20 anos.

“É o melhor do trabalho: a independência financeira. De tudo o que eu quero, é só batalhar e comprar”.

Jorge, 20 anos, filho único de pais separados, mora apenas com a mãe. Concluiu o ensino médio aos 18 anos e começou a trabalhar na secretaria de uma escola. No momento, faz cursinho preparatório para ingressar no curso de nível superior que deseja.

Para ele, ser jovem adulto é diferente do que imaginava. Pensava que teria responsabilidades e responderia por elas, mas não contava com o alto nível de cobranças que teria pela frente. Sente-se muito cobrado, principalmente pela mãe, com relação ao seu futuro. Diz sentir esse momento de vida como uma fase de descobertas no âmbito pessoal e profissional.

No trabalho, sente-se realizado e gosta do que faz. Como trabalha numa secretaria de escola, lida com muitos documentos, dados e prazos, precisando ter muita atenção e

concentração. Atua também em contato com os alunos. Quando estes precisam dos serviços da secretaria, ou quando esta vai até os alunos. Foi pelo trabalho que adquiriu sua independência financeira e o sentimento de liberdade para decidir sobre seus gastos. A compra de roupas, calçados, celular, passeios e saídas para se divertir com os amigos é pago com seu dinheiro, além de ajudar a mãe em alguns gastos domésticos. Para ele isso *“é o melhor do trabalho: a independência financeira. De tudo o que eu quero, é só batalhar e comprar”*.

Atualmente não está namorando, sendo esse tema ainda mal resolvido em casa. Relatou o quanto foi difícil dizer aos pais que é gay, sendo difícil inclusive a autoaceitação. Obteve de seus pais o respeito, mas sua mãe deixou claro não aceitar, impondo que namore da porta para fora de casa. Motivo pelo qual nunca levou ninguém para casa. Revela o desejo de poder sentar e conversar com a mãe, mas não o faz para evitar conflitos.

Descreve-se como uma pessoa responsável, obediente e comprometida com o que se propõe, contudo, nesse momento de vida sente-se um pouco sem foco para estudar. Considera inclusive fazer um curso superior numa área diferente do que deseja, por achar que financeiramente será difícil manter o curso de odontologia, se passar no vestibular.

As amizades que mantém são do trabalho, de antigos colegas de escola e por rede social. É esse o território das conversas abertas e trocas de ideias e experiências de vida.

Espera no futuro atuar profissionalmente no que sempre quis e alcançar o sucesso, representado por bens materiais e pela possibilidade de viagens para muitos lugares.

Entrevista 6

Ideias da entrevista de Teresa, 21 anos.

“... porque quando a gente tem um filho... eu não tenho filho, mas penso que, quando a gente tem um filho, a gente tem uma responsabilidade com ele independente da idade dele...”

Teresa, 21 anos, filha de pais separados, mora com o pai, a madrasta e a irmã pequena. Realiza dois cursos neste momento de vida: o técnico em enfermagem numa escola técnica privada e o curso de pedreiro (a) de alvenaria pelo SENAI, via convênio empresa-escola no programa Jovem-Aprendiz. Assim, em alguns dias da semana, trabalha 4h no Shopping de

Paulista na área de construção e reparos e nos outros dias, vai até o SENAI para as aulas práticas do curso de pedreiro (a).

Para ela ser jovem adulta é ter suas responsabilidades, isto é, estudar e trabalhar. Demonstra, pelo relato de sua trajetória de vida, que é uma pessoa batalhadora e determinada, apesar de considerar-se uma pessoa preguiçosa!

Quando seus pais se separaram, ela, então com 11 anos, permaneceu com sua mãe, mas à medida que crescia, percebia que precisava ter seu espaço individual, isto é, um quarto somente seu, com suas coisas organizadas. Como na casa da mãe dividia o espaço com o irmão, preferiu então mudar-se para a casa do pai, estando lá há seis anos.

A relação com seu pai não é fácil, já que o descreve como uma pessoa distante, que, em muitos momentos, é grosso, não tem jeito de conversar e é duro nas cobranças. Além de não lhe ajudar financeiramente, algumas vezes reclama por ela usar os mantimentos da casa para fazer algum prato, mesmo sendo para todos comerem. Segundo ela, ele sempre diz que não gosta do que ela faz, contrariando a opinião das outras pessoas que provam de sua comida. Ele reclama muito também por considerar que ela ajuda pouco com os afazeres domésticos.

De sua parte, Teresa queixa-se por seu pai não lhe dar nenhum presente, nem roupa e se lhe comprar algum produto de limpeza pessoal ou de higiene, compra sempre a marca mais barata que houver no supermercado. Diz que, quando começou a trabalhar, seu pai lhe avisou que não compraria mais suas coisas, nem mesmo a roupa de final de ano, comportamento que ela não considera correto, por entender que *“porque quando a gente tem um filho... eu não tenho filho, mas penso que, quando a gente tem um filho, a gente tem uma responsabilidade com ele independente da idade dele...”*.

Disse já saber do jeito de seu pai quando decidiu morar com ele, mas pensou em si mesma, no que lhe faria melhor. Tem uma boa relação com a madrasta e a irmã pequena, assim como com sua mãe, a qual visita todos os finais de semana e, onde juntas, participam de uma igreja evangélica.

Sua rotina é de acordar cedo para ir ao trabalho ou ao SENAI para realizar o curso de pedreiro, cujas atividades iniciam as 7h 30 da manhã. Próximo das 12h ao término, retorna para casa ou vai direto para a instituição onde realiza o curso técnico em enfermagem para ficar estudando na biblioteca até a hora da aula, a qual inicia às 18h e vai até as 21h 30h, quando retorna para casa. Relata que, ao chegar a casa, permanece no seu quarto quase todo o

tempo, saindo de lá apenas para ir ao banheiro ou à cozinha para comer alguma coisa. “Meu quarto é meu mundo”. (sic)

Diz ter escolhido o curso técnico de enfermagem por amar a área da saúde e ter o desejo de ajudar pessoas. Descobriu o gosto pela área da saúde em outro curso que realizou, também pelo convênio do programa Jovem Aprendiz, o de auxiliar administrativo, onde atuou no setor de arquivo, protocolo, administrativo e farmácia, dentro de um hospital. Quando o curso acabou foi efetivada, passando 1 ano como funcionária, até ser demitida em função da crise. Aí arrumou outro emprego num posto de gasolina, atuando como frentista e na área de conveniência. Neste local permaneceu por seis meses, até iniciar no atual trabalho via convênio com o curso de pedreiro.

Aprendeu também a fazer biscoitos, trufas e alguns pratos salgados, os quais são outro meio de renda para si mesma, pois, apesar de, em alguns momentos, seu pai lhe prometer alguma ajuda financeira para seus gastos pessoais e com os cursos, não o faz, deixando-a com essa responsabilidade. Ela pode, em alguns momentos de maior necessidade, contar também com a ajuda de sua mãe, mas seu empenho e esforço é o de dar conta de sua vida e de seus gastos, em busca da realização dos seus sonhos, para que possa, segundo suas palavras, no futuro “ alcançar na área da enfermagem um status, pra que, lá na frente, eu possa ajudar pessoas”. (sic)

4.4 Entrelaçando os Dados e Tecendo a Rede

Após a sistematização dos relatos das entrevistas, foram identificadas as unidades de sentido sobre as quais se torna possível inferir acerca da fase de vida dos jovens entrevistados.

As unidades de sentido seguiram a lógica das questões abordadas na entrevista, que envolveram os temas: como os jovens adultos se percebem neste momento de vida; como enfrentam os conflitos específicos dessa fase; qual o sentido e importância do mundo do trabalho para consolidarem-se como autônomos e independentes; e como vivenciam esses sentimentos e anseios na relação parental.

A partir dessas informações ordenadas, foi-se apreendendo um quadro específico, o qual nos indica que dos 06 jovens entrevistados, 03 deles trabalham, 01 empreendeu e 02 não trabalham, definindo-se por esse viés, os sujeitos da pesquisa que apresentamos por:

- Jovem que trabalha;
- Jovem que empreendeu e
- Jovem que não trabalha, só estuda. Destacando que todos estudam.

Já as unidades de sentido foram construídas à medida que se identificou a repetição dos temas a partir das entrevistas, ordenadas então na seguinte ordem:

- a) como é sentida e vivenciada a experiência de ser Jovem Adulto (JA);
- b) como é sentida e vivenciada no cotidiano da vida o sentimento de independência e autonomia;
- c) o que significa o trabalho e como é a experiência de trabalhar (para os que trabalham);
- d) como vivenciam as amizades e qual a importância dos amigos nesse momento de vida;
- e) como vivenciam a sexualidade;
- f) o que pensam, esperam e estão construindo para o futuro;
- g) como são as relações familiares no contexto da adultez.

Para clarificar e possibilitar melhor visualização, apresenta-se o quadro abaixo com a sistematização dos dados, procedendo, a seguir à análise detalhada das unidades de sentido:

Quadro 2: Dados das Entrevistas

		Unidades de Sentido					
Sujeitos da Pesquisa	Ser Jovem Adulto	Independência e Autonomia	Estudo/ Trabalho	Amizades	Sexualidade	Futuro	Relação Familiar
Jovens que Trabalham	Sentem-se bem nesta fase de vida. Apesar de não lhes	Sentem-se independentes e autônomos, podendo decidir e fazer escolhas sem consultar os pais. Veem isso como o lado bom de ser	Visto como o passaporte para realização de seus desejos.	Trazidas da infância e adolescência, mantêm-se importantes.	Para um é exercida de modo tranquilo, sem cobranças familiares, tendo uma	Clareza do que desejam, apresentam metas e projeto claros. Um deles	Para um deles, a relação é baseada no apoio e confiança. Dois deles apresentam

	parecer fácil.	JA.			relação estável de namoro. Dois não namoram.	sente-se mais acomodado.	relação parental mais truncada. Todos estabeleceram com os pais, regras próprias para a vivência da fase vivida.
Jovem que Empreendeu	Sente a pressão da responsabilidade de ter que dar respostas .	Ainda não é um sentimento totalmente adquirido. Somente para algumas coisas.	Com seu pequeno empreendimento consegue realizar pequenas escolhas e tomadas de decisão.	Trazidas da infância e adolescência, mantém-se importantes.	Exercida de modo tranquilo, sem cobranças familiares. Com relação estável de namoro.	Dúvidas com relação ao futuro, mas com planos e estratégias para a profissão.	Baseada no apoio e confiança. Estabeleceu regras próprias para a fase vivida.
Jovens que não trabalham	Fase de inquietação e pressão pelo futuro.	Sentimento ainda insipiente; predominando a dependência familiar.	Todas as expectativas são voltadas para o que os estudos trarão como oportunidades para o futuro. Sem experiências no campo profissional.	Trazidas da infância e adolescência, mantem-se importantes.	Exercida com reserva; sem parceiro fixo; mantida como segredo por medo do julgamento familiar.	Dúvidas com relação ao futuro, mas com planos e estratégias para a profissão.	Apesar de receberem certo apoio familiar, as cobranças e a pressão permeiam e atrapalham a convivência.

4.5 Analisando as Unidades de Sentido das Entrevistas

4.5.1 Ser Jovem Adulto

Os jovens adultos entrevistados descrevem esta fase da vida como um momento em que experimentam uma mescla de sentimentos bons e angustiantes, como expresso nas palavras de Pedro, 20 anos:

[...] o lado bom é o fato da independência, que não tenho o que falar... e o fato também, querendo ou não, o dinheiro, que você acaba comprando e fazendo o que você quer e torna você independente [...]. O lado ruim é realmente a maturidade, você as vezes quer ficar naquela época de brincar e só festa, só sair... e aí você não tem mais.... Você tem que estudar para uma prova, você tem que terminar o relatório do trabalho, você tem responsabilidades, e acaba sendo um ponto chato.

O destaque positivo que é dado à independência, numa associação direta ao fator econômico, sendo possível por meio dele, acessar um universo de consumo e apropriação, remetendo-nos a pensarmos como cada fase de vida se coloca no discurso da cultura a que está inserida, e para à qual busca responder. Neste entrelaçamento, colocamo-nos diante de uma nova geração, de uma classe de idade, que embora ainda seja marcada por traços infantis muito presentes, encontra-se igualmente diante de elementos de uma maturidade que ainda não foi assumida (CONTRERA e AIELLO, 2015). Essa maturidade expressa pelo “ponto chato”, apresentada como a outra face desta mesma independência, a qual aparece com o nome responsabilidade, justamente uma das características que tem sido apontadas, na contemporaneidade, como a geradora de atraso no acesso ao mundo adulto, justificado pelo fato de

Que o jovem vive um momento marcado pela transição de modelos, no qual velhos modelos ainda existem e novos modelos não se consolidaram. Essa transição relega o sujeito a experienciar desafios sociolaborais e culturais ambíguos e contraditórios que não guardam relação direta com os modelos adultos consolidados, gerando mais dúvidas e incertezas do que garantias (RIBEIRO et al, 2016, p. 15).

Dúvidas e incertezas expressas igualmente por Camila, 24 anos:

[...]porque quanto mais independência, mais responsabilidade você tem... aí você quer fugir das responsabilidades porque é muita coisa, muita pressão... mas também é bom, acho que é mais bom do que ruim, claro, mas você fica naquela de: será que eu quero mesmo ser isso? Será que não é bom ficar na dependência da mãe (pausa) ou ter minha liberdade? Aí você fica nesse jogo de... sem saber o que você quer... assim... se você quer se desvincular total ou se você não quer se desvincular total, ou parcial, enfim...

É interessante observar como esta fase do ciclo vital pessoal do jovem adulto está atrelada e é influenciada pela observação que ele faz dos membros familiares, extraindo dali a capacidade ou as dificuldades de negociar as tarefas deste estágio de vida. É “uma mistura das gerações, e os eventos em um determinado nível têm um poderoso efeito nos relacionamentos em cada um dos outros níveis [...] Existem muitas evidências de que os estresses familiares, que costumam ocorrer nos pontos de transição do ciclo de vida, frequentemente criam rompimentos neste ciclo e produzem sintomas e disfunções” (CARTER, MCGOLDRICK, et

al, 2011, p.11), ou possibilitam e favorecem uma transição de ciclo saudável e legítima, entendendo que é um momento singular, sendo vivido por um sujeito singular.

É uma fase que você se sente adulto, assim, é um pouco complicado falar, mas é algo bom, não ruim, é uma fase boa, mas muito difícil, a gente tem que tomar muitas decisões tanto no profissional quanto no pessoal. É uma fase que você tá se descobrindo, tá realmente vendo o que é ser um adulto, as responsabilidades que você começa a ter (Jorge, 20 anos).

Palavras que expressam, segundo (CARTER, MCGOLDRICK, et al, 2011, p.16), que “a fase de jovem adulto é um marco. É o momento de estabelecer objetivos de vida pessoais e de se tornar um ‘eu’, antes de juntar-se a uma outra pessoa para formar um novo subsistema familiar”.

Nas entrevistas, os jovens destacaram também, que a liberdade para fazerem escolhas, tomarem decisões e responsabilizarem-se pelos próprios atos, mesmo que em dimensões pequenas no seu cotidiano, é visto como bom e libertador, pois sentem-se comprometidos consigo mesmos a darem respostas na vida, agindo a partir dos seus desejos, do que sentem e pensam. Mesmo que suas escolhas contrariem a idealização dos pais e reconheçam que seus comportamentos não estejam alinhados com os desejos paternos, mas sim, com suas vontades e desejos próprios. Postura que, apesar do sofrimento que gera, revela-nos a importância do processo de separação-indivuação das figuras primárias, condição de acesso ao universo adulto (MOTA e ROCHA, 2012) e bem expresso na fala de Camila, 24 anos:

[...] as vezes eu tenho que mentir pra ela (a mãe) ... vou sair com um carinho e aí não vou sair com minhas amigas, eu vou sair com ele, mas não quero dizer. É difícil pra ela entender que hoje em dia a gente sai, e pode sair duas vezes, aí não dá certo e a gente deixa de falar... aí ela fica achando que eu to saindo com mil caras e eu já escutei coisas dela ... então eu não quero ficar escutando coisas desnecessárias, que pra minha idade, pros meus amigos é uma coisa normal, pra todo mundo é uma coisa normal... pra ela não é... e ter que ficar escutando... Eu não gosto de fazer isso, odeio, gostaria de poder dizer a ela, mas sei que vou ter que escutar coisas e vai ficar me dando sermão e ela não vai entender, aí, infelizmente, eu acabo mentindo.

E assim, nas relações permeadas por medo de serem julgados, ou por ainda não estarem seguros internamente para verbalizarem seus desejos tornando-se atos, que os jovens

adultos assumem para si mesmos a responsabilidade de seu viver, etapa “carregada de mudanças e reorganizações adaptativas que vão sendo tecidas nas relações com as figuras parentais, mas cada vez mais com os pares e outras figuras significativas, com relevância para o par amoroso” (MOTA e ROCHA, 2012, p. 358).

Ser, ou sentir-se um jovem adulto, apareceu também vinculado ao campo profissional, tendo, para os que trabalham, dois lados: o lado bom, como já mencionado, o dinheiro advindo da atividade laboral; o ruim, as exigências e dilemas advindos da atividade profissional, expressos por sentirem-se sob pressão, e isso é vivenciado como algo opressor:

Eu sou vendedor de uma loja. Não é um trabalho pesado, porém, é um pouco chato, porque as vezes você fica muito tempo parado ali esperando um cliente, e as vezes é muito cansativo porque tem muita gente; ou você está em casa, fora do seu momento de trabalho e tem gente ligando, mandando mensagem [...] enfim, só quem é vendedor sabe o que eu falo, é muito estressante. (Pedro, 20 anos)

O mesmo sentimento, só que de forma inversa, também aparece nos jovens que não trabalham, sendo o lado ruim, a falta de autonomia econômica e a dependência aos pais, gerando a consequente limitação vivenciada no dia a dia no campo do consumo; e o lado bom, é a crença, de que está trabalhando lhe trará as respostas que esperam para definitivamente assumirem as rédeas da própria vida.

[...] eu tenho planos de não morar aqui, tenho planos de ir para outro lugar. Aí, neste exato momento eu me imagino validando meu diploma fora pra poder arranjar um emprego. Mas aí você tem que pensar no plano A, B, C, D, E... Porque não dá pra ficar só: quero morar fora... mas se não der certo? Aí tem o plano B que é concurso [...] e arranjar outros empregos, porque não vai da pra viver só com o que vai ganhar num concurso, que eu sei... e aí vai começar a ter que botar a mão na massa, a trabalhar, a ter horários, a ter tudo muito... agora eu não afeto muito as pessoas, mas no meu trabalho eu vou afetar se chegar atrasada, se eu não fizer direito meu trabalho... e aí vão ter as consequências, fazendo isso ou aquilo eu posso perder meu emprego, e perdendo meu emprego eu perco dinheiro, e aí cadê minha independência (Camila, 24 anos).

Dutra-Thomé e Koller (2014) nos apresentam os dois significados expressos na língua portuguesa para designar o trabalho, apresentando-nos primeiro a ideia de que o trabalho é aquilo que expressa o ser trabalhador, conferindo-lhe reconhecimento social e uma história; e,

por outro lado, é o que representa rotina, esforço, falta de liberdade, em suma, um mal inevitável.

Assim, entre o dilema do que é necessário e essencial para a construção e manutenção de uma identidade consolidada, o trabalho atua na vida como agente mediador entre o mundo interno, subjetivo, e o mundo externo, objetivo, sendo vivido como uma atividade que envolve aprendizagens múltiplas, doação, entrega e acima de tudo, sendo uma força transformadora da realidade.

Talvez por isso vale a pena ter os planos A, B, C, D, e E, envolvendo o trabalho, mesmo sabendo que este jovem terá de lidar, no seu percurso profissional, com a tolerância e a frustração, porque, se “uma escolha é sempre multideterminada e se apoia em vários fatores – elementos subjetivos, características pessoais, aspectos dos vínculos significativos estabelecidos, oportunidades de estudo, entre outros fatores” (DIAS, 2016, p. 129), imagine-se ter de lidar com tantas possibilidades de planos.

Talvez seja esta também a pressão com relação ao futuro da qual falam os jovens, já que são cobrados direta ou indiretamente para responderem a um futuro que se aproxima, e para o qual entendem que responderão por suas vidas. Respostas que se encontram na percepção e sentimentos de independência e autonomia com os quais lidam, respeitando-se a individualidade e os limites de cada jovem com sua história de vida.

4.5.2 Independência e Autonomia

Assim, como dito a cima, independência e autonomia são sentimentos presentes nos jovens adultos entrevistados, sendo nomeados por diferenças advindas do campo econômico. Para os jovens que trabalham, a possibilidade de pagarem seus gastos pessoais mínimos, de fazerem escolhas e poderem realizar antigos e novos desejos de consumo, a autonomia e a independência são sentidos como marcadamente presentes; para os que dependem economicamente da família ela se manifesta em outros campos, como o das amizades, podendo sair e realizar programas coletivos sem necessidade de permissão, assim como no campo sexual, por ser ele um território de decisão baseado no desejo íntimo e pessoal.

Interessa-nos aqui destacar que os sentimentos de autonomia e independência vinculados ao sentimento de posse e consumo não são privilégio de nossos tempos, fazendo os objetos continuarem “sendo o que sempre foram desde que surgiram no cenário da

economia capitalista, ou seja, a marca do sucesso profissional e social” (FREIRE COSTA, 2004, p.80), remetendo para sentimentos inversos, aquele jovem que ainda depende financeiramente da família, a ponto de ele sentir que: *“tem momentos em que você se sente independente, mas tem momento que você vê que não é nada... Eu me sinto depende nesta questão econômica, não tem como negar”* (Ana, 21 anos). Essa fala sinaliza para o quanto:

A aparência do sujeito afluente é determinada pela maneira como se veste; pela qualidade dos objetos de adorno pessoal; pelo tipo de automóvel, de artigos eletroeletrônicos e de objetos de decoração doméstica que possui; pelos restaurantes que frequenta e tipos de esporte que pratica; pelos lugares onde desfruta o lazer; pelas viagens que faz, etc. Os objetos de consumo ‘agregam’ valor social aos seus portadores. [...] O aparato de objetos caros e elegantes é o signo, por excelência, da distinção social de seus possuidores. Por isso passaram a fazer parte da identidade pessoal dos mais abastados e, por extensão, da imensa maioria da sociedade (FREIRE COSTA, 2004, p.80).

E para responder a esse chamado na ordem da aquisição de bens e consumo, algumas possibilidades são vislumbradas pelos jovens, entre elas, aquelas possibilitadas pelo o estudo e o trabalho.

4.5.4 Estudo e Trabalho

Estudar e trabalhar são concretudes ainda abstratas para os jovens entrevistados, já que o estudo ainda não se transformou em trabalho e este ainda é uma incógnita lançada para o futuro. Mesmo assim aparecem como os grandes marcos emancipatórios, em que estudar aparece sendo colocado como o passaporte para chegar a um trabalho, o qual se transformará na chance possível de acesso a um lugar no mercado de trabalho com mais perspectivas e que gere condições de atingirem seus objetivos de sucesso e construção de realizações pessoais e econômicas.

Eu me sinto numa responsabilidade de cobrança tanto de estudo, quanto de trabalho e profissional, para poder garantir futuramente alguma coisa pra mim... É basicamente isso, o medo da cobrança... querendo ou não, você quer entrar numa coisa para ser o melhor, você não vai entrar para ser o ruim. Então assim, a cobrança de como é que vai ser, se eu vou conseguir dá conta... E entra o estudo, trabalho ao mesmo tempo, e é mais ou menos isso (Ana, 21 anos).

O trabalho é visto pelos jovens como a possibilidade de poderem responder economicamente por seus desejos, necessidades e planos, além de indicar, aos outros e a si mesmos, suas potencialidades, capacidades e aptidões pessoais. Muitas exigências se sobrepõem, como se pode ver, indicando mais uma vez, como sendo esta uma “fase de vida marcada por condições, oportunidades e dificuldades próprias (BORGES e MAGALHÃES, 2009, p.44), sendo, apesar disso, um momento importante na percepção e construção da autoimagem, autoconfiança e da motivação dos jovens na busca pela edificação de seus projetos vida.

Ainda no contexto desta dualidade entre estudar e trabalhar e sua correlação com a aquisição da independência e autonomia, Andrade (2016, p.143) apresenta algumas considerações que nossa pesquisa corrobora, destacando que:

Uma das grandes diferenças entre os estudantes e os trabalhadores, é que estes últimos estão imersos num contexto de certa ambiguidade, que pode implicar uma necessidade de reflexão acerca de si mesmos e acerca do futuro e pôr novamente em questão opções anteriores, para poderem comprometer-se com decisões e opções de vida. Parece-nos que esta reflexão é orientada por um certo paradoxo entre o que se deseja, em termos de projetos de vida adulta, e o que poderá ser possível obter, face aos constrangimentos sociais reais. Parece, assim, que são mais os trabalhadores e menos os estudantes quem está a viver “verdadeiramente” a transição para a idade adulta, o que certamente implica um questionamento pessoal ativo, característica do estatuto de identidade moratória.

Identidade esta que destaca Andrade (2016), faz com que o indivíduo se questione, impulsionando-o a assumir uma conduta proativa na efetiva busca da sua autonomia por meio da exploração de diversas opções para seu futuro, utilizando esta fase como um ensaio, uma experimentação do que está por vir, escolhendo então, por exemplo: estudar, trabalhar ou empreender.

4.5.5 Amizades

As amizades da fase de adultez expressam uma característica que se apresenta por uma formação de vínculos sociais mais conscientes e regidas por identificações. Pela forma como a amizade foi descrita pelos jovens, apreendeu-se que são os ideais, as empatias comuns, os gostos que compartilham que sustenta e alimenta a amizade.

Eu tenho uma amiga que é desde a 6ª série que a gente ficou amigo, até hoje. Todos os dias a gente se fala, conversa, sempre que pode sai... eu vou na casa dela ou ela vai lá em casa. Alguns outros eu vejo, a gente conversa, mas não tem aquela afinidade, os segredinhos de amigos (Jorge, 20 anos).

Eu sempre fui de ter muitos amigos, assim de brincar, de sair, de... vamos dormir lá em casa, um na casa do outro, e isso eu acho muito importante. Meus amigos da infância, pra fase de adolescência sempre foram as mesmas pessoas [...]. Hoje muitas pessoas não vejo, não convivo mais...mas tenho as mais próximas de mim, que falo todo dia, que tenho um convívio (Ana, 21 anos).

Diferentemente da adolescência, fase em que as amizades sustentam a identidade pessoal, agora, é a partir da identidade pessoal de cada um, que são sustentadas e construídas as relações sociais, particularmente as amizades, como bem fica demonstrado pelas palavras de João (21 anos):

Eu percebi uma coisa, eu me sentia um pouco a sombra, como se estivesse ali, mas eu não estivesse ali... como se estivesse ali só como amigo de alguém [...] isso passou, eu agora to nos lugares e as pessoas sabem que eu to ali, não porque sou amigo de alguém, mas porque eu me sinto ali.

Postura esta que nos permite inferir que na contemporaneidade, a constituição da identidade adulta é resultado de um processo que vai sendo validado não mais por referências externas fixas, isto é, estando posta no outro semelhante, mas passa a desenvolver-se no campo das competências individuais, sendo testadas e exigindo uma resposta no enfrentamento das dificuldades da vida (RODRIGUES e KUBLIKOWSKI, 2014).

4.5.6 Sexualidade

O campo da sexualidade ainda aparece com nuances de tabu na relação de alguns jovens com seus pais, apesar de ser esse um território de decisões livres, cujas as opiniões maternas/paternas são levadas em conta, sem, contudo, prevalecer. Nas falas dos jovens identificou-se um comportamento que

Sinaliza para a possibilidade de nem tudo ser falado e/ou ser colocado à mesa para a negociação. Os filhos podem estar tomando decisões e agindo sem a participação dos pais, o que indica que há um processo de diferenciação, que se dá pelo afastamento dos pais, podendo existir segredos, mentiras e omissões (PONCIANO e FÉRES-CARNEIRO,

2014, p. 392).

Realidade que aparece na relação que Jorge (20 anos) estabelece para lidar com sua mãe:

Essa questão já foi segredo, ela finge que não sabe, ela não pergunta, eu também não falo nada. Pronto. Tem coisas que eu gostaria de sentar e conversar, mas acho que ela não aceitaria muito bem, então eu prefiro evitar e não entrar em conflito (Jorge, 20 anos).

O não enfrentamento apresentado na fala não apenas de Jorge, mas igualmente de outros jovens, pode ser compreendido aqui como um momento vivido ainda de estabelecimento de lugares na família, lugar deste jovem ainda em construção, já que nesta fase de adultez emergente, os problemas se originam normalmente pela falta de reconhecimento, seja do jovem adulto, seja dos pais, da necessidade de mudar para uma forma de relacionamento menos hierárquica, baseada no fato de agora todos serem adultos (CARTER, McGOLDRICK et al, 1995).

Seja isso talvez que produza, segundo a fala de outros jovens, comportamentos parentais diferentes no exercício da sexualidade dos filhos quando estes têm namoro fixo estabelecido, sendo a relação com os pais nomeadamente tranquila e sem cobranças, onde podem tanto dormir na casa do namorado ou namorada quanto levá-los para a própria casa também.

Para os que não namoram com parceiro(a) fixo, há uma implicação direta dos pais com a perspectiva do exercício sexual caracterizado por “ficar” com vários parceiro(a)s, levando-os a desentendimentos e gerando uma espécie de segredo sobre o assunto, onde os filhos simplesmente passam a ocultar dos pais seus encontros sexuais, utilizando-se da mentira sobre onde e com quem se encontram, sendo a mentira dessa forma, como já mencionado, utilizada como justificativa para evitar o conflito e preservar a autonomia do jovem adulto (PONCIANO e FÉRES-CARNEIRO, 2014).

4.5.7 Futuro

Os jovens entrevistados demonstraram grande anseio pelo futuro. Carregam os sonhos de construção de uma carreira profissional, além de possibilidades de edificação de projetos e de construção de vínculos amorosos e afetivos. Ficou evidente que vivem a chamada idade das possibilidades, caracterizada por ser esta fase de vida carregada de muita esperança e de

grandes expectativas, independente de como tenha sido até aqui, sua vivência na família de origem em contextos de dificuldades e possibilidades (PONCIANO, 2016).

A grande aposta que fazem para atingirem os sonhos e metas que traçam, reside na possibilidade gerada pelo trabalho que desenvolverão, e pelo qual estão dispostos a não medir esforços, atitude expressa inclusive pelo desejo de mudarem de Estado Federativo ou mesmo de país, se com isso poderão obter retorno financeiro e sucesso profissional, como demonstra Pedro (20 anos): *“Minha vontade de continuar aqui é zero. Se eu pudesse hoje. Se me dissessem, você vai continuar a faculdade em outro lugar, eu iria. Eu não me vejo morando aqui”*.

Esta atitude proativa com relação a si mesmo apresenta o que é esperado para quem ascende à vida adulta, isto é, que consiga planejar, traçar metas e pensar em estratégias que melhor ajudem a concretizar os desejos e sonhos, que a pessoa seja enfim, autônoma (MARQUES E MOURA, 2016).

Contudo, há de se considerar que a autonomia se expressa de acordo com os meios ambientes: cultural, histórico e pessoal, e é resultado de decisões com base na motivação intrínseca e em valores internos, os quais devem estar fundidos com os valores recebidos da família e do social (MARQUES e MOURA, 2016). Desse modo acredita-se, ganharão força para sair do campo hipotético e serem transformados em ação. Fragilidades nesta composição podem estar associadas a discursos ainda dissociados de prática, como se percebe nas palavras de Jorge (20 anos):

O futuro? Hoje to meio disperso, trabalho, estudo... sei o que quero, mas acho que preciso me determinar mais.... Me vejo como meu dentista, me espelho nele. Sigo ele nas redes sociais e vejo... ele compra um carro, viaja... ta sempre viajando... eu quero ser assim.

Esse parece ser um dos desafios que a transição para a vida adulta acarreta nos jovens: definir o status de adulto pela formação profissional e pela independência econômica, ambas constituindo o arsenal necessário para a tão sonhada realização pessoal, contudo, realização de sonhos exige esforço no qual

Os indivíduos, com maior ou menos clareza, sabem que o preço pago para ser ‘vencedor’ é extorsivo [...]. Se nos perguntarmos quais as perspectivas da juventude na sociedade de mercado, diria que são muitas, mas que todas convergem para duas saídas principais: 1) continuar a perpetuar um modo de vida que me parece pobre, por

estreitar os horizontes da ação humana em uma só direção, qual seja, a do sucesso econômico, do cuidado obsessivo com o próprio prazer e da indiferença em relação ao mundo; 2) voltar-se para o outro, construir uma sociedade na qual todos tenham direito ao mínimo necessário à satisfação das necessidades elementares, para que, então, possamos ser, de fato, livres para criar tantas formas de sermos felizes quantas possamos imaginar (FREIRE COSTA. 2004, p.86).

Interessa-nos aqui destacar que, a partir das entrevistas realizadas, essas palavras se confirmaram, quando foi possível perceber que o foco da ação e busca dos jovens está assentada principalmente no campo econômico, que visam ao sucesso, à ascensão profissional e, conseqüentemente, obter dinheiro. Acreditam ser com o dinheiro, que terão garantias para realização de seus sonhos e aquisições. Entende-se que este é um discurso coerente com o modelo de sociedade em que vivemos, cuja ação e presença vão direcionando comportamentos, contudo, é necessário que se questione, se não seria este um discurso a dificultar a transição para a adultez, já que, não apenas apresenta um único caminho possível para a felicidade, mas sobretudo, oculta a perspectiva coletiva de construção de vida, lançando o jovem não apenas para o individualismo das relações, mas para o egoísmo e solidão existencial.

4.5.8 Relação Familiar

A relação familiar apresentada pelos jovens adultos entrevistados para descreverem como eles e seus pais estabelecem as regras de amor e convivência, foi descrita como sendo de afeto e cuidado. Mesmo sendo, para alguns jovens, um afeto que superprotege, e é visto de forma negativa; bem como o cuidado, sendo interpretado como superproteção e que impede o crescimento, como descreve Ana (24 anos): *“Mas ela (mãe) tem que perceber que eu to crescendo, a idade ta chegando e as coisas vão mudando um pouquinho. Acho que é um pouco difícil pra ela perceber, acho que nem perceber...é mudar...”*

As divergências também foram destacadas, aliás, muitas destas advindas de questões geracionais, onde as palavras *“no tempo dele”, “na época dela”, “é bem diferente, e painho não entende assim”*, expressam que a mudança do tempo histórico vai produzindo novos perfis pessoais, mas nem sempre modifica os já consolidados.

Alguns filhos percebem por parte de seus pais, que há um esforço em aceitarem novas formas e modelos de construção de vida escolhidos por eles, em que, por parte dos filhos, há

igualmente, uma compreensão respeitosa das ideias e opiniões dos pais, sem, contudo, representar aceitação, como expressa Jorge (20 anos): “[...] *mas hoje minha mãe, assim, ela respeita, mas não aceita muito, mas também não se impõe de dizer ‘não, não quero’*”.

O que se evidenciou também nas relações parentais dos 06 jovens entrevistados foi que, apesar de divergências e atritos, há por parte dos filhos, a certeza de que encontram na família, quer seja na figura da mãe, pai ou ambos, o apoio necessário para que se arrisquem e construam suas vidas, podendo contar com a retaguarda e apoio familiar. Estas constatações são corroboradas por pesquisas que apontam ser fundamental para os filhos que vivem esta transição, receberem apoio emocional dos seus pais, para assim poderem encarar com mais segurança as muitas opções e ultrapassar os eventuais obstáculos que surgem no início da vida adulta (ANDRADE, 2016).

Isso demonstra que, “a importância dos pais na hierarquia relacional dos filhos decresce à medida que o ciclo vital vai decorrendo, porém, os pais jamais deixam de pertencer a esta hierarquia de apego como figuras significativas” (MOTA e ROCHA, 2012, p. 363). Talvez por isso seja sentido como doloroso, o processo de crescimento, representado por rupturas de comportamentos paternos que antes caracterizavam um filho ainda dependente, e agora passam a indicar ao jovem um outro lugar no jogo parental, como indica Tereza, 21 anos:

Desde quando eu comecei a trabalhar com 18 anos, ele disse: não compro mais roupa de final de ano pra você... eu disse: não faço questão... mas não acho isso legal... porque quando a gente tem um filho... eu não tenho filho, mas penso que, quando a gente tem um filho a gente tem uma responsabilidade com ele, independente da idade dele... que não tenha responsabilidade, mas chegar e dar um presente... quando chega o dia dos pais ele me pergunta o que vai ganhar de presente... eu vou fazer aniversário terça- feira, e ele não chegou pra me perguntar o que eu quero de presente e faz anos que eu não sei o que é ganhar um presente do meu pai.

Enfim, no entrelace dos dados obtidos a partir desta pesquisa, é possível afirmar que no ciclo de vida familiar que conduz à transição para a fase adulta, temos jovens buscando legitimarem-se enquanto adultos através dos contextos oferecidos pelo trabalho e pela educação, ainda amparados pela família, sem a qual o processo complementar de exploração das possibilidades de construção da vida não seria possível.

A partir dessa concepção, tomamos Rodrigues e Kublikowski (2014, p.532) para

destacarmos que:

Tornar-se adulto não implica essencialmente um movimento individualmente empreendido com vistas ao distanciamento, tanto físico, quanto emocional, em relação ao núcleo familiar. Constitui, antes, um processo do qual participam, de forma articulada, todos os membros desse sistema, no sentido de permitir o funcionamento autodeterminado, ainda que conectado, de cada um deles.

Assim, por entendermos que não apenas a família, nem tampouco, somente o jovem adulto, mas toda a sociedade, principalmente a que atua e acolhe os jovens para o desempenho de suas funções, como as escolas, cursinhos, faculdades, empresas e outros meios, estão implicados neste processo, que nos leva a alertar para

A necessidade de criar –ou repensar – políticas públicas ou mesmo intervenções da sociedade civil que contemplem os jovens adultos nesse atravessamento em direção à vida adulta. O fato de não existirem mais rituais formais de passagem, não deve desimplicar a sociedade deste processo. Ela pode e deve ser convocada a pensar em saídas e intervenções (MARQUES, 2008, p. 251).

Unindo forças, então se tornará possível contribuir para uma inserção mais efetiva dos jovens no movimento de transição à adulez que vivenciam, onde não apenas suas dúvidas individuais possam ser amparadas, mas que, de forma coletiva, se ofereçam mecanismos de busca de autoconhecimento e oportunidades concretas, para que esta fase seja de mais perspectivas e certezas, em prol de uma sociedade que usufrua da vitalidade juvenil ao invés de perdê-la pelo tráfico, pela violência e pela morte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo procurou compreender o processo de desenvolvimento da autonomia e da identidade adulta, pelo viés da profissionalização e do mundo do trabalho em jovens nesta fase de vida. Buscamos caracterizar a fase vivenciada pelos jovens através dos marcos emancipatórios presentes de forma geral e singular no universo juvenil, procurando entender, pelo olhar desses jovens, como a família os acolhe, dá suporte e intervém, a partir dos legados históricos familiares, para que eles façam a transição ao mundo adulto.

Desse modo, o estudo possibilitou contribuir cientificamente para a compreensão da fase juvenil e identificação de suas características singulares, além de contribuir e subsidiar os jovens adultos participantes da pesquisa a perceberem o momento privilegiado de seu desenvolvimento.

No campo social e político, os resultados demonstram que a condição de empregabilidade deve ser oportunizada, pois ela pode contribuir para o processo de consolidação da adulez em jovens adultos.

Apreendeu-se que esta é uma fase que exige do jovem adulto ter desenvolvido características que, inclusive, podem sinalizar o nível de sua maturidade e apropriação pessoal ou ainda dependência emocional da família, como: a capacidade e segurança na tomada de decisões que envolvam seus desejos e planos, capacidade de fazer escolhas e decidir-se para aquilo que se sente motivado e impulsionado e coragem para decidir sobre si mesmo, apesar da autoridade parental poder indicar outros planos sobre sua vida.

Nas análises dos dados da pesquisa observou-se como se conciliam e desenvolvem esses aspectos nos jovens adultos para que assumam a condição de adulez, entendendo que a perspectiva da profissionalização pode oferecer uma possibilidade concreta de mudança identitária, a qual traduz-se em um jovem adulto autônomo e construtor de sua história, numa fase de ainda frágeis certezas internas.

Nesse sentido pode-se destacar, a partir das entrevistas, algumas considerações: a) os jovens adultos nomeiam sua fase de vida destacando o quanto é bom o sentimento de independência, que se traduz na experiência de agora decidirem e fazerem escolhas no campo econômico, afetivo, sexual, profissional, social e familiar; b) nomeiam que as regras impostas

pela família nas fases anteriores sofrem uma modificação significativa, possibilitando que possam assumir responsabilidades e responder por elas, podendo até recorrer à ajuda da família caso não consigam arcar sozinhos com as consequências dos seus atos, mas obtendo a chance de tentar; c) destacam ainda a importância e o lugar que ocupa a família nesta fase de vida, onde há o reconhecimento dos legados afetivos, protetivos, de amparo e suporte presentes, mesmo diante da premissa de que na fase de adultez o jovem já passa a ser o condutor de sua vida.

Destaca-se que a presença da família mencionada pela maioria dos jovens é apresentada não de modo impositivo, mas como porto de ancoragem. Um comportamento familiar positivo e encorajador, que, de forma objetiva e subjetiva, incentiva os filhos a buscarem vencer os desafios.

Contudo, relatam também o lado angustiante de ser jovem adulto, sentimento que vem expresso por uma cobrança constante, pela pressão por resultados, quer sejam educacionais e/ou profissionais, advindos dessa mesma família, cujo comportamento os faz perceber que este é o preço a ser pago pela tão almejada independência.

Interessante também, é que essa pressão externa adquire igualmente um contorno pessoal, ficando evidenciado na fala dos jovens o sentimento de autocobrança, gerador de uma ansiedade que inquieta o presente, fazendo com que se despertem para a necessidade de pensarem em planos estratégicos para que possam responder a estas demandas num futuro bem próximo.

Com relação ao sentimento de responsabilidade, ficou evidenciado que ela passa a ser vivida de modo diferente. Antes, as responsabilidades, expressas pelas escolhas, eram mediadas pelo desejo dos pais, no agora, são eles, os jovens adultos que respondem e são cobrados por suas atitudes, palavras e comportamentos, quer estejam no âmbito educacional, doméstico ou profissional, expressando que ela, a responsabilidade, é um sinalizador claro da aquisição de um lugar próprio que passam a assumir no processo de aquisição da adultez.

É uma fase também, permeada por mudanças: o término do ensino médio, a percepção de que precisam seguir estudando para garantir um futuro, a escolha de uma área profissional que contemple as habilidades e competências que pensam possuir; a necessidade de dinheiro para seus investimentos pessoais nos campos educacional e social, que os remete à busca por emprego, quer seja ele formal, em estágios curriculares ou não, e mesmo empreendendo.

Mas há também, quem, diante desse impasse, sintam-se paralisado, justificando que seu

curso impossibilita trabalhar. Assim, o trabalho, quer ele já seja uma realidade, quer ainda esteja em forma de projeto a curto e médio prazo, é motivo de preocupação. Os que trabalham sentem o peso da responsabilidade e do compromisso em dar resultado, mas sentem o prazer indescritível de realizarem pequenos e grandes sonhos de consumo ou diversão, sentimento traduzido pela expressão liberdade e independência.

Os que empreendem em seus negócios sentem o aprendizado constante na arte de lidar com pessoas, de aprenderem a vender, de lidar com dinheiro, mercadoria, cobrança de dívidas, tipos de negociações (a prazo, em parcelas), além da aprendizagem de cuidar e manter o próprio negócio, colhendo a grata satisfação de poder contribuir com a família no custeio próprio com seus estudos, cursos, compras pessoais e gastos com lazer, resultando desse movimento, a sensação de liberdade e independência.

Os jovens adultos que trabalham ou criaram sua forma de ganhar dinheiro empreendendo, demonstraram que encaram esta jornada como momento de aprendizado e experiência, os quais enriquecerão seu futuro, mesmo a atuação profissional que desenvolvam não ser na área em que estão se profissionalizando.

Para os que ainda não trabalham, o sentimento de dependência é maior em relação à família, já que a dependência financeira impede, em alguns momentos, o processo de livre decisão sobre pequenas compras ou realização de viagens e passeios com amigos, ficando mais restrito o exercício da livre tomada de decisão sobre atos e comportamentos. Relatam sentirem-se presos, estando nesta condição, ao mesmo tempo em que apresentam autoquestionamentos sobre a dúvida que os acompanha entre: permanecer na condição de dependência ou querer de fato arcarem de forma plena com seus sonhos, desejos e realizações, bem como pelos fracassos, limitações e desencantos pessoais.

O futuro é outro aspecto muito presente na fala dos jovens adultos, na qual, sem falsas esperanças, vêm a construção de uma carreira profissional não desvinculada das dificuldades financeiras atreladas a elas. Possuem a visualização clara das injustiças do mercado de trabalho advindas do mundo capitalista e excludente em que vivemos. Há, contudo, muito presente, um sentimento bom, embasado na perspectiva de construção e evolução pessoal, numa participação social ativa e na satisfação, que acreditam, será a felicidade que almejam atingir.

Esses aspectos sentidos na pesquisa, nos indicam o quanto o desenvolvimento do jovem adulto está assentado no campo emocional. É um momento vivido com mesclas de

sentimentos bons e angustiantes, no qual duelam internamente o desejo de tomar as rédeas da própria vida e o medo de fazê-lo. São descobertas que sinalizam que o mundo adulto é cheio de cobrança e de responsabilidades, não apenas no campo material, mas profissional e afetivo. Aspectos esses geradores de dúvidas e inseguranças, pois os jovens adultos percebem que precisam lançar mão de recursos internos para irem traçando estratégias mentais e comportamentais para superação desses desafios e darem as respostas esperadas por pais, familiares, amigos e a eles mesmos.

Apresentou-se em suas falas como muito importante o sentimento de provar que são capazes de cumprir e realizar o que lhes fora proposto, como se o não cumprimento ou conclusão de um projeto, como um curso por exemplo, indicasse um fracasso com proporções maiores do que realmente é, podendo comprometer sua imagem diante dos que nele depositaram confiança.

Talvez por isso seja um momento também, no qual se iniciam as experiências afetivas mais centradas no afeto que representam, do que na superficialidade dos números que quantificam, valorizando e reconhecendo os que estão próximos em todas as horas e realmente lhe querem bem. Demonstraram que valorizam e reconhecem o papel e a importância da família, de uma amizade sincera, do aprendizado e da troca prazerosa e afetiva entre os pares.

É, dessa forma, uma fase que exige muita maturidade por parte do jovem adulto para ser vivida de modo menos angustiante, e que só a percepção clara de quem são e do que querem, pode minimamente proporcionar essa condição, alicerce maturacional oferecido pela família, que não mais indica um caminho, mas coloca-se ao lado para a caminhada ser sentida como uma construção constante e não mais, uma simples condução.

Enfim, o estudo aqui abordado da temática que envolve a transição para a adultez nos trouxe pelo caminho que acabamos de expor. E ele, como toda pesquisa qualitativa, foi um recorte, o qual trilhamos inicialmente a partir de algumas hipóteses, e foi-se descortinando com várias realidades no percurso de sua construção. Sabemos que o estudo do tema não se esgota no que fora exposto, podendo revelar novos e singulares nuances quantos forem os leitores que a ele tiverem acesso.

Isso nos remete para algumas lacunas as quais foram surgindo à medida que a pesquisa avançava, já que nosso recorte abarcou, sem que isso tivesse sido intencionado, um perfil de jovens privilegiados, não apenas no sentido econômico, mas pelo fato de terem uma família

que se importa e os dá suporte afetivo e emocional. Por terem oportunidades diversas, entre elas a de trabalharem e/ou estagiarem, empreenderem, sonharem e sobretudo, se projetarem para o futuro que desejam podendo arriscarem-se no ensaio para a vida adulta. Por estarem estudando, a maioria deles, já no ensino superior, privilégio de poucos, segundo os números que apresentamos dos índices de acesso à formação educacional/profissional.

Desse modo, é inevitável que esta constatação nos remeta para algumas questões, como: por onde andam e o que fazem os jovens desta mesma idade que já não residem na casa dos pais, que não estudam e que oficialmente não aparecem nos registros como trabalhadores? Com quem moram? O que fazem no dia a dia? Quais sonhos acalentam para o futuro? Como se veem e quais as oportunidades que lhes são apresentadas? Quais são suas bases identitárias? Como os sentimentos de autonomia são construídos e como se expressam?

Enfim, são muitas perguntas e uma certeza: a fase juvenil não é homogênea e única para nenhum jovem, mas pelo estudo que aqui empreendemos podemos constatar que as oportunidades e as bases que cada um acessa para compor sua história pode lhes indicar uma direção, ser apoio e ajudar a constituir uma realidade individual única, ou deverá ser reeditada, porque é dela que dependerá o futuro deste indivíduo nesta fase de transição.

REFERÊNCIAS

Agência Brasil. <http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2017-05/ipea-taxa-de-desemprego-e-maior-entre-jovens-de-14-24-anos>, visualizado em 17 de julho de 2017.

ANDRADE, C. A construção da Identidade, Autoconceito e Autonomia em Adultos Emergentes. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 20, n. 1, pp. 137–146, Jan/Abr, São Paulo, 2016.

ANDRADE, C. Maturidade psicológica e independência financeira: um estudo com adultos emergentes universitários. **Revista de estudios e investigación en psicología y educación**. Uminho, Vol. 3, N. 1, pp. 28-35, 2016.

Anuário pernambucano. <http://www.anuario.pe.gov.br/categoria/demografia>, visualizado em 23 de julho de 2017.

ARNETT, J. **Adolescencia y adultez emergente**. Un enfoque cultural. 3º Ed. Pearson Educacion, México, 2008.

Atlas brasil. http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_rm/recife, visualizado, 12 de julho de 2017.

BELLO, A. A. Família e Intersubjetividade. Em: **Família, subjetividade, vínculos**. Carvalho, A. M. A., Moreira, L. de V. de C., (Orgs). São Paulo: Paulinas, 2007.

BORGES, C. C.; MAGALHÃES, A. S. Transição para a vida adulta: autonomia e dependência na família. **PSICO**, v. 40, n 1, pp.42-49, jan./mar. Porto Alegre: 2009.

BOTELHO, R. U., ARAÚJO, H. E., CODES, A. L. M. Sair ou não sair da casa dos pais: explorando a questão à luz de bases informacionais censitórias. Em: SILVA, E. R. A. da, BOTELHO, R. U. (Orgs). **Dimensões da Experiência Juvenil Brasileira e Novos Desafios às Políticas Públicas**. Brasília: Ipea, 2016.

CAMARANO, A. A. Considerações finais: transição para a vida adulta ou vida adulta em transição? Em CAMARANO, A. A. (org). **Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?** Rio de Janeiro: Ipea, 2006.

CAMPOS, K. C. De L. Construção de uma escala de empregabilidade: definições e variáveis psicológicas. **Estudos de Psicologia**, v. 28, n. 1, p. 45-55, jan/mar. Campinas, 2011.

CAMPOS, K. C. de L., FREITAS, F. A. de. Empregabilidade: construção de uma escala. **PSICO**, v. 13, n. 2, pp. 189-201, jul/dez, 2008.

CARRETEIRO, T. C. Famílias confrontadas com o trabalho futuro dos filhos – um projeto de pesquisa. Em: FÉRES-CARNEIRO, T. (org). **Família e casal: saúde, trabalho e modos de vinculação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

CARTER, B., MCGOLDRICK, M. & cols. **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar**. 2ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 1995.

CASTRO, L. R. de. Participação Política e Juventude: do Mal-Estar à Responsabilização Frente ao Destino Comum. **Sociologia Política**, v.16, n.30, p.253-268, Junho, Curitiba, 2008.

Código de Ética Profissional. Visualizado em :<http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>, em 22/09/2016.

CONTRERA, M. S., AIELLO, C. H. A imagem midiática dos padrões estéticos nos fenômenos de adultescência e infantescência. **Triade: comunicação, cultura e mídia**. v. 3, n. 5, p. 58-79, jun. Sorocaba, SP, 2015.

DIAS, M. L. Família, identidade, subjetividade e escolha profissional. Em: LEVENFUS, R. S (Org). **Orientação Vocacional e de Carreira em Contextos Clínicos e Educativos**. Porto Alegre: Artemed, 2016.

DUTRA-THOMÉ, L., KOLLER, S. H. O significado do trabalho na visão de jovens brasileiros: uma análise de palavras análogas e opostas ao termo “trabalho”. **Psicologia: Organizações e trabalho**, v. 14, n. 4, pp. 367-380, out/dez, 2014.

Economia IG. <http://economia.ig.com.br/2017-03-31/desemprego-dados-ibge.html>, visualizado o em 17 de julho de 2017.

EDWIN, H. FRIEDMAN, M.A. Sistemas e cerimônias: uma visão familiar dos ritos de passagem. Em: Carter, B.; McGoldrick, M. & col. **As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar: uma estrutura para a terapia familiar**. 2.ed. Porto Alegre: Artemed, 1995.

Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm, visualizado em 10 de junho de 2016.

Estatuto da Juventude. <http://juventude.gov.br/estatuto#.V4ji4korKQg>, visualizado em 10 de julho de 2016.

FÉRES-CARNEIRO, T. (org.). **Família e Casal: parentalidade e filiação em diferentes contextos**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Prospectiva, 2015.

FREIRE COSTA, J. Perspectiva da Juventude na Sociedade de mercado. Em: **Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Fundação Perseu Abram, 2004.

HUTZ, C. S. (Org). **Violência e risco na infância e adolescência: pesquisa e intervenção**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2015.

IBGE. <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv6686.pdf> visualizado em 05 de julho de 2016.

IPEA.http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=29977&Itemid=9, visualizado em 17 de julho de 2017.

MARQUES, I. F. & MOURA, M. L. S. de. A autonomia Adolescente: relacionamento entre pais e filhos(as) e gênero. Em Ponciano, E. L. T., & Moura, M. L. S. de. **Quem quer crescer?: relacionamento pais e filhos(as) da adolescência para a vida adulta**. I. Ed.

Curitiba, PR: CRV, 2016.

MARQUES, M. Tornar-se adulto: um desafio contemporâneo. Em: **TOPOS. Série de Psicanálise**. Ano XIII, n.13. Salvador: Espaço Moebius, 2008.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14ª Ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MOREIRA, J. de O.; ROSÁRIO, A. B. do; SANTOS, A. P. dos. Juventude e adolescência: considerações preliminares. **PSICO**, Porto Alegre, PUCRS, v. 42, n. 4, pp. 457- 464, out/dez, 2011.

MOTA, C. P., ROCHA, M. Adolescência e jovem adultícia: crescimento pessoal, separação-individuação e o jogo das relações. **Psicologia Teoria e Pesquisa**, v.28, pp. 357- 366, Jul/Set, 2012.

PAPALIA, D. E., FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento Humano**. 12ª Ed. Porto Alegre: Artemed, 2013.

PONCIANO, E. L. T. Autoridade parental em transformação: pais e filhos na adultez emergente. In: Féres-Carneiro, Terezinha (org). **Família e Casal: parentalidade e filiação em diferentes contextos**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Prospectiva, 2015.

PONCIANO, E. L. T., & FÉRES-CARNEIRO, T. Relação pais-filhos na transição para a vida adulta, autonomia e relativização da hierarquia. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.27, n.2, pp.388-397, 2014.

PONCIANO, E. L. T., & MOURA, M. L. S. de. **Quem quer crescer?: relacionamento pais e filhos(as) da adolescência para a vida adulta**. I. Ed. Curitiba, PR: CRV, 2016.

REICHERT, C. B. Educar para a autonomia. Em: Wagner [et al]. **Desafios psicossociais da família contemporânea: pesquisas e reflexões**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

Resolução nº 016/2000. Visualizada em: <http://site.cfp.org.br/legislacao/resolucoes-do-cfp>, em 22/09/2016.

RIBEIRO, M. A.; et al. Ser adolescente no século XXI. Em: LEVENFUS, R. S (Org). **Orientação Vocacional e de Carreira em Contextos Clínicos e Educativos**. Porto Alegre: Artemed, 2016.

RODRIGUES, C. M.; KUBLIKOWSKI, I. Os pais e a transição do jovem para a vida adulta. **Psico**. v.45, n.4, pp 524-534, out-dez, 2014.

SANCHEZ, F. A. A família na visão sistêmica. Em: BAPTISTA, M. N., TEODORO, M. I. M. (Orgs). **Psicologia de família: teoria, avaliação e intervenção**. Porto Alegre: Artemed, 2012.

SILVA, T. R. de A. B. **Um estudo sobre os jovens aprendizes: repercussões familiares e sociais**. Recife, 2017. Dissertação de Mestrado. UNICAP – Curso: Mestrado em Psicologia Clínica.

SILVEIRA, P. G.; WAGNER, A. Ninho cheio: a permanência do adulto jovem em sua

família de origem. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 23, n. 4, p. 441-453, dez, 2006.

SOUZA, M. A. de. 25 Anos do Estatuto da Criança e do Adolescente: História, Política e Sociedade. Em: **Estatuto da Criança e do Adolescente: refletindo sobre sujeitos, direitos e responsabilidades**. MOREIRA, J. De. O., SALUM, M. J. G., OLIVEIRA, R.T. (ORGs). Conselho Federal de Psicologia. Brasília: CFP, 2016.

TEIXEIRA, A. M. F. Juventude: Entre os Dilemas da Educação e do Trabalho. Em: **JUBRA: territórios interculturais de juventude**. Organizadores: Jaileila de Araújo Menezes, Monica Rodrigues Costa, Tatiana Cristina dos Santos de Araújo. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013.

TURATO, E. R. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas. 2ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

WAGNER, A. TRONCO, C. ARMANI, A. B. Os desafios da família contemporânea: revisitando conceitos. Em: WAGNER, A. (org) et al. **Desafios psicossociais da família contemporânea: pesquisas e reflexões**. Porto Alegre: Artemed, 2011.

WINNICOTT, D. W. **A família e o desenvolvimento individual**. 4ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

APÊNDICE A:**Questionário Sóciodemográfico****Identificação**

1. Quem respondeu o formulário?
1a - () Homem 1b - () Mulher
2. Cidade onde reside: _____
3. Estado de origem: _____
4. Arranjo familiar atual:
4a - Vivendo com os pais e irmãos ()
4b - Somente com o pai e irmãos ()
4c - Somente com a mãe e irmãos ()
4d - Somente com o pai sem irmãos ()
4e - Somente com a mãe sem irmãos ()
Outra configuração: _____
5. Idade: _____
6. Escolaridade do respondente: _____
7. Escolaridade do pai: _____
8. Escolaridade da mãe: _____
9. Profissão do pai: _____
10. Profissão da mãe: _____

APÊNDICE B:

Roteiro da Entrevista Semiestruturada

A. O enfrentamento de conflitos específicos dessa fase de vida, pelo jovem adulto

- Como é para você ser um jovem adulto?
- Qual é para você o lado bom de ser jovem e o que pode ser mais difícil nesta fase?
- Como você sentiu as mudanças ocorridas desde sua adolescência com relação a liberdade para fazer escolhas no seu cotidiano?
- Como é para você ter a liberdade de fazer escolhas no seu cotidiano?
- Você já se viu diante de uma situação de conflito e que você necessitava tomar uma decisão? Você pode descrever essa situação?
- Qual foi a sua reação?

B. Sentido e importância do mundo do trabalho para consolidar-se como autônomo e independente

- Você trabalha, já trabalhou ou busca um trabalho neste momento de sua vida?
- O que significa trabalhar para você?
- Como foi que você descobriu o caminho profissional que deseja seguir?
- Como se dá a participação da sua família nesta escolha?

C. Vivência de sentimentos e anseios na relação parental.

- Fale sobre o relacionamento com seus pais.
- Você e seus pais pensam diferente sobre algum tema ou ocorrência?
- Quais as experiências, descobertas e vivências da sua vida que você compartilha com seus pais? Tem alguma que é segredo e que você gostaria de compartilhar?

APÊNDICE C

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

1. Você está sendo convidado para participar da pesquisa “A consolidação da autonomia e da identidade do jovem adulto pelo viés da profissionalização e o lugar da família”. Sua participação nesta pesquisa constará em responder a um questionário e uma entrevista com perguntas sobre as suas experiências, vivências e sentimentos experienciados na fase de vida em que se encontra, como adulto jovem, com duração em torno de 60 minutos. Vamos procurar entender, a partir de sua ajuda, *como os jovens adultos enfrentam os conflitos específicos de sua fase de vida; qual o sentido e importância do mundo do trabalho para consolidarem-se como autônomos e independentes e como vivenciam esses sentimentos e anseios na relação com seus pais.*
2. Você foi selecionado pelo método intencional, para participar desta pesquisa, sob a coordenação de Albenise de Oliveira Lima, professora e pesquisadora da Universidade Católica de Pernambuco, juntamente com Denise Boff, mestranda em Psicologia Clínica pela mesma Universidade, e sua participação não é obrigatória.
3. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento.
4. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição
5. Os objetivos deste estudo são compreender o processo de desenvolvimento da autonomia e da identidade adulta, pelo viés da profissionalização e do mundo do trabalho, em jovens adultos. Especificamente: caracterizar nos jovens adultos entrevistados a fase estimada do seu desenvolvimento; verificar nos jovens adultos, quais são os marcos emancipatórios presentes; identificar como a família conduz e vivencia essa fase, sob o ponto de vista dos filhos; identificar quais são os legados familiares na escolha profissional.
6. Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder a um questionário e a uma entrevista com perguntas sobre as suas experiências, vivências e sentimentos experienciados na fase de vida em que se encontra, como adulto jovem, com duração em torno de 60 minutos.
7. Os riscos relacionados com sua participação são de ordem emocional considerando que a pesquisa, assim como toda a ação humana, pode provocar nos participantes mobilização de conteúdos psíquicos como: ansiedade, depressão ou outros afetos indesejáveis. Caso isso ocorra, será oferecida uma escuta após a entrevista, e caso seja identificada a necessidade de acompanhamento psicoterápico, e você aceite, será encaminhado à Clínica de Psicologia da UNICAP.
8. Os benefícios relacionados com a sua participação na pesquisa estão ligados a um espaço de escuta e autoconhecimento, tornando-se um momento de fortalecimento do seu ego e de visualização das possibilidades que a fase de vida lhe oferece, a fim de potencializar seu

protagonismo. No que se refere aos benefícios à sociedade, pode ser destacado a importância da inserção de jovens adultos mais conscientes de si, no mercado de trabalho.

Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação. O Código de Ética profissional do Psicólogo, no seu Art.16, assegura que: *o psicólogo, na realização de estudos, pesquisas e atividades voltadas para a produção de conhecimento e desenvolvimento de tecnologias, avaliará os riscos envolvidos, tanto pelos procedimentos, como pela divulgação dos resultados, com o objetivo de proteger as pessoas, grupos, organizações e comunidades envolvidas.* Atitude reafirmada pela Resolução N°007/2003 que institui o Manual de Elaboração de documentos escritos e produzidos pelo psicólogo, acrescentando que todo material produzido será guardado por um prazo de cinco (5) anos e após, deve seguir procedimentos determinados pelo Código de Ética.

9. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

DADOS DO PESQUISADOR PRINCIPAL (ORIENTADOR)

Nome:

Albenise de Oliveira Lima

Assinatura

Endereço: Universidade Católica de Pernambuco, rua Almeida Cunha, 245, Santo Amaro, Bloco G4, 7º andar, sala B1.

Telefone: (81) 21194066

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UNICAP, localizado na RUA DO PRÍNCIPE, 526 – BOA VISTA – BLOCO G4 – 7º ANDAR, SETOR A – CEP 50050-900 - RECIFE – PE – BRASIL.
TELEFONE:(81) 2119.4376–ENDEREÇO ELETRÔNICO: cep_unicap@unicap.br
/pesquisa_prac@unicap.br

Havendo dúvida / denúncia com relação à condução da pesquisa deverá ser dirigida ao referido CEP no endereço acima citado.

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA – CONEP

SEPN 510 NORTE, BLOCO A, 3º Andar

Edifício Ex-INAN - Unidade II - Ministério da Saúde

CEP: 70750-521 - Brasília-DF

Contatos Conep:

Telefone: (61) 3315-5878

Telefax: (61) 3315-5879

Recife, ____ de _____ de ____

Sujeito da pesquisa

ANEXO